

D. António, Prior do Crato, Príncipe Penitente. Os *Psalmi Confessionales*: do *Exemplum* à devoção. 1595-1995

Para o Luis Ferreira da Silva, bom conhecedor de D. António e cuja a admiração pelo príncipe fez, uma noite, levantar o preço dos "seus" *Solilóquios... Ex corde*

I - Não saberíamos, de começo, dizê-lo de outro modo ou com mais precisão: depois de 26. VIII. 1595 publicavam-se, em Paris, uns *Psalmi Confessionales in quibus peccator longaevus divinam pro peccatis suis misericordiam implorat*. E apareciam sem nome de autor. No entanto, o editor aceitava lançar um pouco de luz, não propriamente sobre o autor, mas sobre o lugar e as circunstâncias da obra, ao acrescentar, a esse título, este bem conhecido esclarecimento: *Inventi sunt in scrinio serenissimi Regis Portugaliae D. Antonii hujus nominis primi, propria manu scripti et ab ipso Rege fuisse compositos laudabilis ejus mors testatur*. Confessemos assim, nós também, que não lográmos determinar a data da primeira edição da obra, apesar das muitas que, depois, no seu original latino ou em tradução, ao longo do século XVII e ainda do seguinte, foram surgindo. A única certeza que temos é que foi publicada depois da morte desse rei em cujo escritório se diz foi encontrado o original..., sendo de arquivar, porque devidas, seguramente, mais que a uma distração de Barbosa Machado, a uma gralha tipográfica, as notícias que assinalam a primeira edição em 1592¹... D. João de Castro, o autor da célebre *Paraphrase e Concordancia*

¹ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, I, Lisboa, 1741 (aliás, Coimbra, Atlântida Editora, 1965), 192 transcrevendo com bastante exactidão essa edição - que, apesar de tudo, poderá ter visto - indica, como data de publicação, 1592, o que é manifestamente impossível. Tal indicação, que poderá ser um lapso, mas que deverá ser uma gralha por 1595, passou, sem mais, ainda que obliquamente, ao *Diccionario Bibliographico Portuguez* (I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858, 78) de F. Inocêncio da SILVA. Júlio de CASTILHO, *Lisboa Antiga - Bairros Orientais*, Lisboa, 1937, 340 - 365, comentando os livros que integravam o "mesquinho inventário" dos bens que, por morte do Prior do Crato, fizeram Diogo Botelho e Cipião de Figueiredo de Vasconcelos, do seu Conselho e seus derradeiros testamenteiros, também anotou (352) essa gralha (ou lapso de Barbosa Machado), sem contudo, propôr qualquer data. Deverá, contudo, notar-se que Júlio de Castilho transcrevia o título da primeira edição dos *Psalmi Confessionales* da obra de E. FOURNIER, *Un Prétendant Portugais au XVIIème Siècle*, Paris, 1851,92 (n° 113), quem, por sua vez, não conhecia a Primeira edição, limitando-se a citar esse título pela edição bilingue de 1693. Paul DURAND-LAPIE, Dom

de *Algumas Prophecias de Bandarra...* (Paris, 1603), que foi conselheiro e, durante alguns anos, personagem de alguma intimidade com D. António, ainda que não fosse "dos de dentro", vivendo em Paris e conhecendo bem - talvez melhor do que quisesse ou lhe conviesse - os meandros da imigração portuguesa na capital de França, declara, taxativamente, em 1622-1623, transcrevendo-lhe com exactidão o título, que os *Psalmi Confessionales* foram impressos em Paris depois de "morto o dito Senhor"(† 26. VIII. 1595)²... E, ainda que tenhamos que retomar o assunto, notemos desde já que nesses esclarecimentos editoriais não se afirma perentoriamente que o rei português fosse o seu autor.... De qualquer modo, independentemente do seu verdadeiro autor, o editor indicava que o autor dos *Psalmi Confessionales* haveria que procurá-lo nos grupos da emigração portuguesa que rodeara o Prior do Crato no exílio... Confessemos ainda, por uma vez, que a edição mais antiga de que temos notícias certas é a que J. Regnoud publicou em Paris em 1609...

Os *Psalmi Confessionales*, quem quer seja o seu autor, são das raras meditações penitenciais escritas por um português nos fins do século XVI e, por isso, neste ano em que se cumprem quatrocentos anos da morte de um príncipe a quem, por razões que poderão ter ido do convencimento sincero até à publicidade, quase sempre foi atribuída a obra, convirá tentar estudá-la, mesmo que um tanto superficialmente, como texto de espiritualidade que é. O que, aliás, segundo cremos, nunca terá sido feito, tal como ainda se espera por uma investigação sistemática sobre os anos de exílio do Prior do Crato, dos últimos anos (1592-1595), principalmente. Aqui, nesta primeira abordagem, tentaremos aproximar-nos das tradições do seu género..., da estruturação dos temas penitenciais..., das suas fontes..., das suas edições..., passando, naturalmente, por tentar fazer alguma luz sobre o seu autor, isto é, procurando discutir - o que não quer dizer imediatamente negar - a sua atribuição a D. António e, finalmente, situar os *Psalmi Confessionales* no contexto da história interior desses últimos tempos do *Indesejado*...

Começemos por confirmar o que, desprevenidamente, poderá, logo, pensar-se a partir do título da obra: os *Psalmi Confessionales* representam, com algumas limitações, é certo, essas composições que, em verso ou em prosa, partindo do texto bíblico - dos salmos, na grande maioria dos casos -

Antoine I, Roi de Portugal (1580-1595), Paris, 1905, ocupando-se (cap. XIII, pp. 86 - 106) de "Dernnières années de Dom Antoine I; sa mort à Paris", apesar de ter dado alguma atenção ao destino de Cipião de Figueiredo e de Diogo Botelho, não faz qualquer referência aos *Psalmi Confessionales* nem a qualquer sua edição.

² D. João de CASTRO, *Tratado dos Portugueses de Veneza ou Ternario, Senario e Novenario dos Portugueses que em Veneza solicitaram a liberdade del Rey D. Sebastião, com hua breve menção do Sr. D. Antonio*, Paris, 1622-1623., B. N. L., Ms. 4387, Livro III, fol. 291r.

desenvolveram, por toda a Europa - católica ou reformada -, ao longo do século XVI e do século XVII um género de "meditação" de antigas tradições patrísticas (o *Psalmus Morientium* atribuído a S. Jerónimo..., o *Psalmus contra partem Donati*..., de Santo Agostinho..., etc.) difundido, agora, nesses tempos modernos, sob o título de "salmos" ou até de suas paráfrases³. Naturalmente, os chamados salmos penitenciais - o grupo constituído pelos salmos nº 6, 31, 37, 50, 101, 129, 142, segundo a numeração tradicional - estão na base da meditação penitencial - dita, muitas vezes, "salmos penitenciais" -, o que não quer dizer, evidentemente, que outros textos penitenciais - bíblicos ou não -, de forma mais ou menos explícita, com eles não possam concorrer numa constante e, de acordo com o saber e a arte poética dos seus autores, mais ou menos subtil técnica de contaminação textual. Houve, aliás, já ocasião de estudar o género a propósito não só de alguns "salmos" de Francisco Manuel de Melo e de paráfrases suas de orações - composições que, em alguns casos, como se sabe, se propunham glosar alguns dos salmos penitenciais e orações para antes da confissão -, mas também dos *Salmos Penitenciaes* de D. Jorge de Meneses Sottomayor que deveriam ter integrado o chamado *Cancioneiro de Corte e de Magnates*⁴. No entanto, apesar do que tem sido escrito sobre o assunto, talvez seja importante recordar que, pelas datas em que se imprimiam em Paris esses *Psalmi Confessionales* - talvez, melhor, mais esses, dada a abundância do género na literatura de espiritualidade em França⁵ - esse tipo de meditação penitencial não conhecia grandes tradições na cultura portuguesa. Com efeito, não é na tradição mais imediata dos manuais de confesores e *ars confessandi*, digam-se eles, como o de Garcia de Resende, *Breve Memorial de Pecados* (1518, 1521, 1529, 1545...), ou, como o de André Dias, *Método breve e util para bem fazer a Confissão* (1523, 1529),

³ Maria de Lourdes BELCHIOR, *As Glosas do Salmo 136 e a Saudade Portuguesa* in *Os Homens e os Livros. Séculos XVI e XVII*, Lisboa, 1971, 17 - 28 ; Vasco Graça MOURA, *Camões e a Divina Proporção*, Lisboa, 1985 (esp. o cap. I - *Os Salmos e o Humanismo*, 13 - 65). Recordemo-lo, porque se anicha em *Este Livrinho Contem huas Meditações da Criação do Mundo e Vida de Nosso Senhor Jesu Christo* (Lisboa, 1560)- uma versão do seu *Tratado da Criação do Mundo* (Lisboa, 1552), Jorge da Silva aí publicou, além das *Endechas dos Psalmos* e de outros poemas comuns ao *Tratado*, umas *dos Cantares* e o *Psalmo Quemadmodum desiderat em terceira rima* e, mais tarde, (Lisboa, 1617) Fr. Hernando de Jesus a *Exposicion de los siete Psalmos Penitenciales del Profeta David* que foram "publicados e prefaciados por Sousa Viterbo" (Coimbra, 1891)

⁴ José Adriano de F. CARVALHO, *A Poesia Sacra de D. Francisco Manuel de Melo* in *Arquivos do Centro Cultural Português*, VII (1974), 295 - 404; *No Texto do Cancioneiro de Corte e de Magnates: Os Psalmos Penitenciaes de D. Jorge de Soto Mayor* in *Annali dell' Istituto Universitario Orientale. Sezione Romanza*, XVIII (1976) 233 - 295

⁵ Michel JEANNERET, *Poésie et Tradition Biblique au XVI^e Siècle. Recherches sur les Paraphrases des Psaumes de Marot à Malherbe*, Paris, 1969.

ou ainda, como o de Fr. António de Beja, *Nova arte de Confissão* (1529), e até, como o de João Soares, *Livro de Remédios para os sete Pecados Mortais* (1543) ou, abreviando, como o difundidíssimo de Fr. João Porto, *Manual de Confessores e Penitentes* (1549, 1552, 1553...) que haverá que procurar os fundamentos mais imediatos desse género da meditação penitencial⁶. E os comentários dos salmos penitenciais, bem escassos no século XVI português, a ponto de, verdadeiramente, só podermos recordar o que, António, ermitão da Serra de Ossa lhes dedicou - *Declaração sobre os sete Salmos Penitenciais* (Lisboa, 1544) -, também não ofereciam, juntamente com algumas obras que propunham a tradução desses salmos⁷, apoios imediatos para a elaboração desse tipo de meditação, ainda que uns e outros pudessem constituir uma base de sugestões de sentidos. E sempre será verdade que manuais de confissão e declarações de salmos se não ofereciam apoios imediatos, se inscreviam, de algum modo, no amplo horizonte da literatura penitencial com que a meditação penitencial tinha de contar. As sugestões ou os estímulos mais imediatos haverá, contudo, que buscá-los, mais que numa tradição constante que explorava as *Confissões* agostinianas, num género que passando, entre nós, pelas *Horas de Confissão* do cisterciense Fr. João Claro⁸ que, por algo, já foram aproximadas dos *Psalmi Confessionales* atribuídos ao príncipe português⁹, coagulava em textos como a *Devotissima exposicion sobre el psalmo Miserere mei Deus* (1532?), tradução da última "confissão" de Girolamo Savonarola¹⁰, texto que com a

⁶ Maria de Lourdes C. FERNANDES, *As Artes de Confissão. Em torno dos Manuais de Confessores do Século XVI em Portugal* in *Humanística e Teologia*, XI (1990), 47-80 examinou, contextualizando-os, pela primeira vez e com extrema originalidade, muitas destas *artes confessandi* do Quinhentos português.

⁷ Hernando de IARAVA, *Libro muy provechoso para todo fiel christiano el qual mando traduzir la muy poderosa y christianissima señora Leonor Reyna de Francia*, Lisboa, Luís Rodrigues, 1544 em que se publicam os sete Salmos penitenciais e os quinze graduais. (Conf. Antonio J. ANSELMO, *Bibliografía das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, Lisboa, 1926, nº 1042).

⁸ Fr. João CLARO, O. Cist., *Preparação de um peccador para o Sacramento da Penitencia segundo as Horas Canonicas* in *Opusculos do Doutor Fr. João Claro, Monge de Alcobaça*, publicados por Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Colecção de Inéditos Portugueses dos Séculos XIV e XV*, Coimbra, 1829, (aliás, Porto, 1988, reprodução fac-similada com um *Estudo Introdutório - Nota de Apresentação* de José Maques) I, 173 - 208.

⁹ Mário MARTINS, *Vida e Obra de Frei João Claro († c. 1520) Doctor Parisiensis e Professor Universitário*, Coimbra, 1956, 50

¹⁰ Esta edição de que, ao parecer, continua a não se conhecer qualquer exemplar (conf. António J. ANSELMO, *Bibliografía das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, ed. cit., nº 597), será uma reimpressão da edição de Valladolid (D. de Gumiel, s. d.): *Devota y elegante exposicion sobre el psalmo de Miserere mei que hizo el Reverendo padre y devotissimo varon fray Jeronimo de Ferrara de la Orden de los Predicadores estando en una grande affliction...*, como sugere M. BATAILLON, *Une Source de Gil Vicente et de Montemor: la Méditation de Savonarole sur le "Miserere"* in *Études sur le Portugal au Temps de l'Humanisme*, Paris, 1974,

sua "exposição", incompleta, embora não menos devotíssima, do salmo *In te Domine speravi*, começado a escrever nas mesmas circunstâncias, constitui um dos maiores - e dos mais divulgados - marcos do género da meditação penitencial que nos ocupa, antes de se ver publicada em Évora (1554) a *Confesión de un Pecador delante de Jesucristo Redentor y Juez de los Hombres* do Dr. Constantino Ponce de la Fuente¹¹... Com efeito, se nesta obra, pelo manejo de fontes comuns e de objectivos idênticos, é possível encontrar abundantes momentos que nos recordam imediatamente a dos *Psalmi Confessionales*, também em alguma página da *Meditações e Homilias sobre alguns Mysterios da Vida de nosso Redemptor* (1574) do Cardeal D. Henrique podemos, quando o tom confessional ou a súplica de misericórdia nelas ganham relevo, apontar alguma coincidência que nos confirma os caminhos de um género que, depois dos *Psalmi Confessionales*, haveremos de encontrar desenvolvidos em muitas páginas dos difundidíssimos *Trabalhos de Jesus* (1ª P., 1602; 2ª P., 1609) de Fr. Tomé de Jesus¹². Recordemos apenas, ainda que, seguramente, o autor do texto que nos ocupa não tenha conhecido a obra, as páginas que em *Trabalhos de Jesus* convidam ao *Exercício da tentação do Senhor contra as tentações* e, ainda mais cerca do género da meditação penitencial, a *Oração do salmo "De profundis" ao mesmo intento*¹³... Propositadamente, deixámos para este momento final lembrar a importância que nesta tradição há que atribuir aos *Psalmi Poenitentiales* de F. Petrarca, testemunho, escrito num só dia - a acreditarmos na sua palavra de poeta -, de um momento mais intenso da sua crise espiritual de 1340-1350¹⁴. E como prova do que acabámos de afirmar,

155 - 170. Ch. Jourmet traduziu e publicou com uma preciosa nota de introdução esta meditação do Frate, dedicando a edição "a la grande mémoire de Fra Girolamo": *Dernière Meditation de Savonarole*, Desclée de Brouer, 1961. Aproveitemos para assinalar quanto seria importante e urgente investigar a influência desse grande dominicano na espiritualidade portuguesa do séculos XVI e XVII.

¹¹ Constantino PONCE DE LA FUENTE, *Confesión de un Pecador*, Estudio Preliminar, edición y notas de Maria Paz Aspe Ansa, Madrid, 1988 (que reproduz a ed. de Évora, André de Burgos, 1554, juntamente com os *Escritos Devocionales de Fray Luis de Granada* em apêndice conforme essa ed.). Da mesma autora, *Constantino Ponce de la Fuente. El Hombre y su Lenguaje*, Madrid, 1975.

¹² Francisco Leite de FARIA, *Difusão Extraordinária do Livro de Frei Tomé de Jesus*, Lisboa, 1982.

¹³ Fr. Tomé de JESUS, O. E. S. A., *Trabalhos de Jesus*, Porto, 1951, I, 349 - 359

¹⁴ Ernest H. WILKINS, *Vita del Petrarca e La Formazione del "Canzoniere"*, Milano, 1990, 58-59 coloca a composição dos *Psalmi Poenitentiales* no quadro de "la tensione e le difficoltà interiori" dos anos de 1342- 1343; no entanto, G. Ponte (Nota Introd. à ed. de *Psalmi Poenitentiales* in *Opere di Francesco Petrarca*, a cura di E. Bigi, Ugo Mursia Editore, (s.l. s. a. = Milano, 1968) 1196, na sequência de propostas de datação mais precisas por ele citadas que contemplam tanto circunstâncias biográficas como afinidades da obra com a *Epistola ad se ipsum* (*Epist.Metr.* I, 14) de Petrarca, com a qual, efectivamente, tanto quanto nos é permitido opinar em tal questão, mantém

adiantemos que serão um texto bem aproveitado nos *Psalmi Confessionales* do autor português.

Os *Psalmi Confessionales*, originalmente, não foram escritos em português - ou, pelo menos, quando apareceram pela primeira vez vinham, como os de Petrarca, em latim rítmico "decalcado" sobre o dos salmos bíblicos. Pouco depois, aparecia a sua tradução francesa, o que permitiu a sua carreira também em edições bilingues... E só muito mais tarde, em 1653, era lançada a sua tradução em português, tradução, aliás, muito significativa por algum matiz teológico e enfoque espiritual que introduz no texto¹⁵. Justifica-se, assim, que, aqui, tenhamos de recorrer ao texto latino original, tal como circulou impresso. Esta nossa precisão deriva de não termos podido verificar a notícia que Barbosa Machado, exagerando-a, ligeiramente, colheu na *Bibliotheca Bibliothecarum* de B. de Montfaucon, esse sábio beneditino que trata L. A. Muratori por "ami incomparable"¹⁶. O Abade de Sever garante, um pouco à pressa, apoiado na autoridade de Montfaucon, que o original dos *Psalmi Confessionales* se encontra na Biblioteca Ambrosiana de Milão¹⁷, quando o beneditino francês apenas regista, sob *Antonii Regis Portugaliae, uns Psalmi Confessionales in ejus*

estreitas relações - inclusivamente ao nível de fontes -, propõe o ano de 1348. Refira-se, no entanto, que Umberto BOSCO, *Francesco Petrarca*, Bari, 1971 (reproduzindo a 3ª actualizada de 1965) 282 - 283, apesar de dizer que "altri hanno proposto la data 1347 o 1348" (proposta que não discute), parece, em 1965, continuar a pensar que apenas há uma certeza: "essere i Salmi anteriori al' 47; il resto è pura congettura".

¹⁵ Assim nos atrevemos a sugerir com o apoio de algum matiz que Fr. Jorge de Carvalho introduz na sua tradução. Com efeito, onde o autor, copiando, quase à letra, Petrarca, exclama: "excidet quidem, si tu jusseris, Domine, et auxilium mihi miseris ex alto" (III, 10r), Fr. Jorge de Carvalho traduz: "As cadeas que me prendem, cairão sem falta, se vós mas tirardes, meu Deus, com os auxílios eficazes, que communicais aos que vos imploram...". (III, 10) E no salmo seguinte: "et tamen aegro fugienti, dum te vocat praesto ades, priusque ei salutem tribuis quam gemitus audias." (IV, 29), passagem que o tradutor português deu assim: "mas, vós, Senhor, ao doente fugitivo, que vos chama, ainda que esteja na mais remota região da vossa graça, logo lhe acudis com os vossos auxílios e primeiro lhe dais a saúde, que ouçais o gemido." (IV, 13r) Será uma violência querer ver nessas precisões do tradutor de uma obra de preparação para a confissão - *auxílios eficazes...*, *auxílios... da vossa graça* - cautelas teológicas em que ecoará, tardiamente, se quisermos, a polémica de *de auxiliis*? Tratando-se como se trata, conforme declara o tradutor, de um contexto de "disposições para bem se confessar" estaremos em crer que poderá aceitar-se a nossa interpretação. (Naturalmente, as citações da tradução portuguesa estão tomadas de *Soliloquios em que hum peccador arrependido fala com Deos; disposições para bem se confessar e industrias para bem morrer...*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1653 e o texto latino original de *Les Pseumes Latins de Dom Antoine, Roy de Portugal avec la traduction en François, Strasbourg, Jean - François Le Roux, 1731*, edições de que nos serviremos para todas as citações). A análise dos *Psalmi Confessionales* deverá permitir anotar, mais adiante, algum enfoque mais afectivo da tradução.

¹⁶ Bruno NEVEU, *Érudition et Religion aux XVII^e et XVIII^e Siècles*, Paris, 1994, 116

¹⁷ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, I, ed. cit., 192: "Nesta obra de que se conserva o original na Bib. Ambrosiana de Milão como diz Montfaucon in *Bib. Bibliothecar. M. S. nova Tom. I pag. 508 foy achada...*"

*scrinio inventi...*¹⁸, não dando mais precisões para podermos decidir entre o ms. original - o que não é impossível - e uma cópia do impresso - algo de mais provável e prática bem corrente no século XVII¹⁹.

II - Mesmo que viessemos a concluir que a questão da verdadeira autoria é, no actual estado da investigação, irresolúvel - o que, verdadeiramente, não cremos - e que, por isso, sempre interessará mais estudar o texto *eo ipso*, tal conclusão não pode levar-nos a eludir essa questão. Pensamos até que, independentemente do resultado, a análise do problema pode levar alguma luz a zonas menos estudadas dos círculos dos portugueses exilados depois da morte do Prior do Crato.

Para o nosso ponto de vista, não será preciso mais do que recordar algumas circunstâncias da educação e formação humanística e teológica de D. António (1531-26.VIII.1595) que o teriam capacitado um pouco mais que a muitos dos seus contemporâneos - estaríamos quase em propor o infante D. Luis, seu pai, como a pauta mais elevada dos que não sendo "gente sacra" bem poderiam escrever textos desses - a compor, num latim próximo do dos salmos davídicos, sete textos de meditação penitencial coroados por mais dois de acção de graças.

Desde cedo, com quatro ou seis anos, começou a estudar com os monges de S. Jerónimo, primeiro em Penha Longa e depois, a partir de 1537, no colégio do convento da Costa, em Guimarães, sob a direcção de Inácio de Moraes, o poeta latino que haveria de lhe dedicar o *Coninbricae Encomium...*²⁰, recordação da cidade em que, agora (1547) no Colégio de Santa Cruz, continuava o filho do infante D. Luis os seus estudos. Aí, por orientação de Fr. Diogo de Murça, já então bispo de Leiria, tendo como mestre Luis Álvares Cabral cumpriu, ao parecer com aplicação, mais do que o suficiente para se bacharelar (1550), licenciarse (1551) e sair Mestre em Artes (1551), *curriculum* que, naturalmente, foi também uma espécie de *cursus honorum* académico e lhe proporcionou momentos de apreço paterno e da consideração real²¹. Mas estes estudos, não eram, evidentemente, bastantes para que, como desejava seu pai, fosse "eminente em letras" quem, tendo para tal "muy bom engenho e tanta disposiçam e aparelho", deveria

¹⁸ B. de MONTFAUCON, *Bibliotheca Bibiothecarum Manuscriptorum Nova*, Tomus primus, Paris, 1739, 508

¹⁹ Apesar de termos tentado verificar, pessoal e localmente, a indicação de Dom Montfaucon, tal não foi possível em virtude dos trabalhos que, desde há anos, prosseguem na Biblioteca Ambrosiana, pelo que, como diz o poeta, "sobrará sempre que desejar"...

²⁰ Mário BRANDÃO, *Coimbra e D. António Rei de Portugal*, I, *A Educação de D. António*, Coimbra, 1939, 16; Inácio de MORAIS, *Coninbricae Encomium*, Revisão e Prefácio de Mário Brandão, Coimbra, 1938;

²¹ Mário BRANDÃO, *Coimbra e D. António...*, ed. cit., 94 - 95

vir a ser, ainda segundo as esperanças de seu progenitor, "hum dos mais famosos homens de Europa"²². Nesta sequência, compreende-se bem que D. António prosseguisse, desde 1551, os estudos teológicos no recentíssimo colégio da Companhia de Jesus, em Évora, onde terá como professores, J. de Omedo, Pedro Margalho, Luis Álvares Cabral, Fr. Bartolomeu dos Mártires²³.... Todos estes estudos e, como se verificou depois, todos esses sonhos de fama europeia apoiados numa grande carreira eclesiástica que, ao parecer, a partir da sólida base inicial que representava o priorado do Crato, era a que lhe tinham talhado, se esvanecem com a morte do infante Luis de Portugal em 1555. Se aos vinte anos, em Coimbra, pronuncia um elogio de D. Afonso Henriques, de que já se pôde dizer que estava "forrado de óptimo e clássico latim"²⁴, a formação que continuou a receber poderá permitir afirmar que quem desses estudos saiu "tão perito na pureza da lingua latina"²⁵ era bem capaz de "escrever" em bom latim, imitando o Profeta real, as suas faltas..., mesmo se estava dispensado das "horas canónicas"²⁶, que sempre lhe poderiam oferecer uma base para as vincadas marcas e reminiscências do texto bíblico. Recordemos ainda que há vários exemplares de edições dos *Salmos* na sua biblioteca parisiense²⁷, uma preferência não despidianda neste contexto.

²² Mário BRANDÃO, *Coimbra e D. António...*, ed. cit., 109 - 112 publica essa "missiva um tanto pedante" em que o infante D. Luis, desde Almeirim (14. XII. 1550), assim traçava o futuro a Fr. António; a referência encontra-se na pág. 111.

²³ Fr. Raúl de Almeida ROLO, O. P., *Formação e Vida Intelectual de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, Porto, 1977, 196 - 206 estuda o *Mestre de D. António*, ainda que faça alusões a outros mestres do príncipe; Mário BRANDÃO, *Coimbra e D. António...*, ed. cit., 125 - 131 (*D. António discípulo dos Jesuítas em Évora*).

²⁴ P. José de CASTRO, *O Prior do Crato*, Lisboa, 1942, 18

²⁵ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., 190

²⁶ P. José de CASTRO, *O Prior do Crato*, ed. cit., 89

²⁷ Júlio de CASTILHO, *Lisboa Antiga - Bairros Orientais*, X, ed. cit. 340 - 341, seguindo a lição de D. António Caetano de SOUSA, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, II, Lisboa, 1742, 537 - 539, copia a lista das 19 obras que, de acordo com o inventário estabelecido pelos seus testamentários, formava a "livraria do Prior do Crato em Paris", dos quais 7 diziam respeito a literatura religiosa e destes, 6 a alguns livros bíblicos e destes, 4 aos Salmos, o que os torna o núcleo bibliográfico mais representativo da sua biblioteca... De todas as obras propôs Júlio de Castilho a identificação, que sendo, geralmente, correcta, ganharia, no entanto, com uma revisão.

Deverá sempre ter-se presente que tão reduzida biblioteca não representava tudo o que de livros tinha possuído D. António no exílio, já que mais "alguns livros" se guardavam, "com muitos papeis", em um baú cujo conteúdo estava empenhado, como consta do respectivo inventário, e que, por tal, não pôde ser descrito. De todos os modos, D. António possuía ainda "a própria relação" (o original?) que do martírio de Fr. André de Espoleto em Fez "D. Fernando de Meneses, filho de D. Duarte de Meneses, Capitão de Tanger, que se achou presente a elle" escreveu e "mandou a este Reino, a qual o Senhor D. Antonio levou para França, d'onde o Secretario da embaxada Christovão Soares d'Abreu, cavalleiro do habito de Christo (hoje Residente na corte de Paris) a trouxe o an. 1641 e nola comunicou". (Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos*

Aceite que temos a capacidade "literária" de D. António para poder ser o autor dos *Psalmi Confessionales* e outras circunstâncias que a podem confirmar²⁸, será conveniente perguntarmo-nos agora se alguém que desde 1592 começou a sentir-se enfermo - e enfermo a ponto de já em Dezembro desse ano não poder escrever pela própria mão²⁹ - poderia dispor de forças e tempo interior para elaborar um texto tão complexo do ponto de vista de utilização das suas fontes... De qualquer modo, precisando algumas sugestões que ficaram feitas, teremos que analisar a formulação em que se tem baseado essa atribuição.

Como dissemos, a atribuição da obra ao Prior do Crato vem, desde sempre, envolvida numa certa ambiguidade... Com efeito, nas primeiras edições latinas, os *Psalmi Confessionales* nunca se declarou explicitamente um autor, pois sempre se preferiu sugerir um... A montagem da autoria ergue-se na própria portada da obra desde a primeira edição, começando, antes de mais, por os dizer *inventi in scrinio...*, como convinha a um escrito de tal natureza. O autor guardara intimamente o que lhe era mais íntimo. E tão mais íntimo que não o mandara escrever a outrém, e, por isso, continuará o "esclarecimento" editorial, *propria regia manu scripti...* Notemos: encontrados no cofre ou na secretária do rei D. António..., escritos por sua própria mão... Como, porém, bem se sabe, *scripti* tanto pode querer dizer escritos como copiados... Se copiados - superadas as dificuldades da sua doença a que aludimos -, haverá qualquer garantia que o original fosse, realmente, obra do autor da cópia? Por qual dos termos da equação opta o esclarecimento? Ao escolher dizê-los *scripti*, parece ter preferido a ambiguidade..., quer dizer, optou por sugerir um autor em lugar de o declarar abertamente... Assim, hoje, mesmo que fosse possível encontrar esse "autógrafo", tal texto, face a estas declarações, sempre nos apareceria como uma cópia autógrafa de um texto que até poderia ser da autoria do autor dessa cópia... Não nos perguntemos aqui as razões desta ambiguidade, mas convenhamos que tal solução não releva da certeza de que o rei fora

Sanctos e Varoens Illustres do Reino de Portugal e suas Conquistas, I, Lisboa, 1652, 94). Talvez estivesse entre esses "muitos papeis" do baú, se este chegou a ser resgatado...

²⁸ D. António Caetano de SOUSA, *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, III, Lisboa, 1737, 385 faz estas curiosas considerações: "Foy dado as sciencias, e applicado, e ornado de excellentes partes, que padecerão hum terrivel eclipse na amorosa paixão de tratos illicitos, que desordenadamente seguio."

²⁹ P. José de CASTRO, *O Prior do Crato*, ed. cit., 400; haverá, contudo, que dizer que, apesar disso, ainda encontraremos algum documento escrito e/ou assinado por D. António depois de 1592, se bem que alguns de data imprecisa, como é fácil de ver através dos sumários da sua correspondência e outra documentação publicada por Mário A. Nunes COSTA, *Os Arquivos del-Rei D. António e de seus Servidores. Introdução, Inventário e Índices*, Coimbra, 1955 (conf. nº 198, 267, 268, 298)

realmente o seu autor... O que o editor estampa a seguir - *et ab ipso rege fuisse compositos laudabilis ejus mors testatur* - é um argumento piedoso... que só à luz de uma "hagiografia" pode ganhar peso decisivo... Mas não seria exactamente a esta hagiografia que a publicação dos *Psalmi Confessionales* queria introduzir e precisamente o que D. João de Castro, honestamente, não percebeu³⁰? De todos os modos, a montagem de autoria que se organiza desde a portada da primeira edição dos *Psalmi* não vai muito além de uma insinuação... E não havendo nada a opor..., porque não tomar a insinuação pela realidade? Foi, seguramente, com base numa argumentação deste tipo que o editor edificou essa montagem que, para além do mais, contribuía, certamente, para uma melhor recepção da obra... *Psalmi Confessionalis* - entendamos, meditações preparatórias para a confissão - qualquer cristão os pode escrever..., mas os de um rei - um *psautier royal*, como o nomeará uma edição de 1671 -, mesmo se, como veremos, o seu texto não contém referentes precisos que o permitam identificar como a confissão de um rei..., terão sempre uma maior ressonância e poderão contar com destinatários imediatos e precisos na "esfera" social a que o seu autor pertencia³¹...

Naturalmente, este processo de intenção que encontra a sua justificação em alguma das dedicatórias que foram acompanhando as diversas edições da obra, pode receber um certo apoio de testemunhos

³⁰ O autor da *breve menção do Sr. D. Antonio*, D. João de Castro, que, sem esconder as suas posteriores más relações com Diogo Botelho e Cipião de Figueiredo, interpretou a edição dos *Psalmi Confessionales* sob a autoria de D. António como uma "tamanho impostura e imprudencia" e como tal a terá criticado, pensava, sem perceber o alcance dessa ousadia dos testamenteiros (com o acordo ou complacência do verdadeiro autor, Fr. Diogo Carlos) que a tradução francesa que promoveram os testamenteiros não era senão um outro meio "pera ser mais vulgada a falsidade e mais notorias culpas do defunto". (*Tratado dos Portugueses de Veneza...*, Ms. cit., III, 9, fol. 192r). Foi, porém, essa *laudabilis mors* testemunhada - entendamos também, publicitada - por essa "confissão" que fez perviver por, pelo menos, dois séculos a sua memória...

³¹ D. João de Castro recorda que, tendo eles oferecido os *Psalmi Confessionales* a "pessoas principalissimas", "pouco depois [os testamenteiros] os fizeram traduzir em Frances", tradução (a primeira?) que "dirigiram aa Princesa de Condé, mãy do Principe de Condé que hoje he, primeiro príncipe de sangue"... (*Tratado dos Portugueses de Veneza...*, Ms. cit., III, 9, fol. 292r.); a edição de 1657 (Paris, A. de Sommaville) é dedicada "A tres - haute et tres Illustre princesse Françoise de Lorraine, Duchesse de Vendosme"...; a edição de 1731 (Strasbourg, Jean - François Le Roux) é dirigida a Madame de Klinglin "dont le lustre se joint à celui que vous tirez tant du sang des D'Esions et des Falckensteins dont vous sortez que des liens sacrez qui vous unissent à Monsieur le Preteur Royale de cette Ville"...

Se a princesa de Condé a quem os testamenteiros ofereceram a tradução francesa dos *Psalmi Confessionales*, for a mesma que um dia, em data que Pedro de Frias situa com precisão (22 . X. 1581), acompanhou a rainha-mãe do rei de França numa visita que este fez a D. António, teríamos aí uma outra pista para perceber a oferta. (Conf. Pedro de FRIAS, *Crónica del - Rei D. António*. Estudo e Leitura de Mário A. Nunes COSTA, Coimbra, 1955, 90; J. Veríssimo Serrão, *O Reinado de D. António, Prior do Crato*, I, 150 - 1582, Coimbra, 1956, 377).

contemporâneos que logo puseram em causa tal atribuição, mas que, tanto quanto sabemos, nunca se levam em consideração quando se estuda este texto à procura de um autor....

D. João de Castro, como se sabe e já tivemos ocasião de aludir, viveu numa certa intimidade institucional com o atribulado e efêmero rei português... Dizemos numa certa "intimidade institucional", porque sendo do conselho real no exílio e tendo participado, com certa responsabilidade, na jornada dos Açores, e testemunha do primeiro testamento do príncipe, nunca foi, como confessa nesse seu *Tratado dos Portugueses de Veneza*..., isto é, a relação e comentário *dos portugueses que em Veneza solicitarão a liberdade del rey D. Sebastião*..., dos "de dentro"... Não nos interessam aqui, naturalmente, as peripécias e conflitos em que o conselheiro se viu envolvido com o seu rei..., nem a morte política que lhe decretou quando, a fiarmo-nos no seu testemunho, lhe revelou que, de acordo com algumas profecias, D. Sebastião estava vivo..., mas importa declarar que não deturpa os factos que relata, mesmo se, algumas vezes, os narra e enquadra sob o peso da veemência urgente do seu furor profético ou de uma memória que, quase sempre, lhe faz recordar a realidade a uma luz que, oscilando entre o desengano e a amargura, o leva a "ver", agora, ô ridículo..., a pequenez..., a desorganização e improvisto..., etc. de gestos e qualidades que em seu dia, igualmente por paixão, foram considerados heróicos, prudentes, etc.³²... E é precisamente nesse *Tratado*, dando cumprimento à anunciada *breve menção do Sr. D. Antonio*, que D. João de Castro se ocupa *de algumas particularidades do Senhor Dom Antonio e dos Psalmos Confessionaes que lhe foram impostos*³³....

Nessas páginas, a propósito de "aquella secreta infirmitade" que o minou, traça um retrato do rei perfilado à luz das suas práticas religiosas, devoções e carácter³⁴... de modo a fazer compreender que

³² D. João de Castro ainda espera a biografia que a sua indiscutivelmente grande personalidade - e por isso tanto e, quase sempre tão mal, discutida - merece e a mole imensa da sua obra exige. Esperamos poder, em breve, editar o seu *Tratado sobre alguns passos do Apocalipse* - um dos mais inteligentes comentários joaquimitas desse texto nos começos do século XVII - e, a tal propósito, tentar compreender esse alguém que não é apenas um "S. Paulo do sebastianismo".... J. Veríssimo Serrão, nessa obra de investigação fundamental - e, infelizmente, nunca acabada - que é o seu *O Reinado de D. António*..., utiliza abundantemente as suas informações, ainda que nem sempre compreenda - em 1956... - o seu honesto azedume... Lembremos, uma vez mais, de passagem, que D. João de Castro, apesar de se ter retirado do serviço do príncipe desde relativamente cedo - 1587? -, ainda em 1592 estava na sua roda... e em 1595 era uma das testemunhas do seu primeiro testamento, circunstância que estará na base do seu afastamento, cada vez mais profundo, de Diogo Botelho e do Dr. Cipião de Figueiredo...

³³ D. João de CASTRO, *Tratado dos Portugueses de Veneza*..., Ms. cit., III, 9, 288r - 292v.

³⁴ D. João de Castro que - nunca será denais recordá-lo - apesar de ser do conselho de estado de D. António e, como dissemos, ter sido testemunha no seu primeiro testamento (10. VII. 1595), nem

"ninguem o podera descrever nem retratar melhor do que está tirado pelo natural nuns psalmos que espalharam os testamenteiros, e o mesmo author delles por seus. Quem os vir, crea que ve o Senhor Dom Antonio sem lhe faltar vicio, defeyto, nem senão. Por elles podem julgar os que os lerem a verdade das queixas e informações de todos os portugueses que seguindoho o deixaram e se foram para Castella e a desta nossa narraçam. Senão quanto aclaram muy pouco do muito que nelles veram em sustancia. Ham de saber que no comprido tempo da doença do Senhor Dom Antonio, foy Frey Diogo Carlos compondo hum livrinho em latim que dividio por sete capitulos a que chamou psalmos confessionaes nos quaes confessa o dito Senhor todos os seus pecados e defeytos, como se elle mesmo os fizera e fallara com Deos. Estes nos mostrou e nos leo^[35] o author delles, dizendo-nos que os composera pera desta maneyra lembrar de por ao Senhor Dom Antonio todas as sua faltas, já que de outro modo lhas não podia dizer...".

O texto, à parte qualquer remoque do autor e alguma anotação de *comidilla* à volta da leitura desses salmos confessionais ao rei enfermo³⁶, é suficientemente preciso para que, sem outros testemunhos contraditórios ou

sempre manteve as melhores relações com o príncipe, ainda que dele tivesse deixado um retrato que, como igualmente já sugerimos, se não o mostra à luz favorável do panegírico também o não denigre, testemunha que, se "confessou sempre a fe catholica, apostolica, romana em que foy criado em Portugal, sem dar nunca algum pequenino sinal do contrario" e "tinha e ouvia missa ordinariamente; resava a ella aos domingos por horas, inda que o seu commum era por contas", "pregações ouvia poucas ou nenhuma em francês, em portugues não me lembram que duas ou tres em França e hua em Inglaterra, tendo a tempos consigo muitos pregadores portugueses" e, o que mais importará aqui, "Não era muyto devoto nem dado a devações nem muyto escrupuloso..." (*Tratado dos Portugueses de Veneza...*, Ms. cit., III, 9, fol. 288r - 288v). Assinalemos, no entanto, para o que possa valer, que D. António parece ter desde Santa Cruz de Coimbra conservado uma devoção aos mártires de Marrocos, entendamos, aos chamados "Mártires de Marrocos" (†1220) e a outros que também lá padeceram martírio. Com efeito, não só desde Évora pedia ao Prior de Santa Cruz, em carta de 6. XI. 1551, lhe "mande huã garrafinha chea dagoa tocada em has reliquias dos santos martires porque espero em nosso sor, que por hos mereciment's e intercessão delles, hei de cobrar inteira saude" (Mário BRANDÃO, *Coimbra e D. António...*, ed. cit., 127), mas também, segundo Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano...* ed. cit., 94, terá levado para o exílio, como já ficou referido, a relação do martírio de Fr. André de Espoleto em Fez que "D. Fernando de Meneses, filho de D. Duarte de Meneses, Capitão de Tanger, que se achou presente a elle, fez e mandou a este Reino". Na Terceira, lembra Pedro de Frias, foi num "sabado el Rei a pé pera nossa sñora de goadelupe a cõprir hua Romaria que lhe tinha prometido que era quazi duas legoas de caminho..." (*Crónica del - Rei D. António...*, ed. cit., 161)

³⁵ Em nota lateral ao seu texto escreve D. João de Castro: "a Cypriam de Figueiredo e a mim o mesmo author".

³⁶ P. José de CASTRO, *O Prior do Crato*, ed.cit., 400 assinala que D. António adoeceu durante 1592 e que em Dezembro desse ano já não pôde escrever pessoalmente uma carta a Lord Burlleigh, o que significa que o príncipe esteve, naturalmente nem sempre com a mesma gravidade, três anos enfermo, razão por que D. João de Castro fala nos "comprido tempo da doença do Senhor D. Antonio".

matizadores, possa ser absolutamente infirmada a atribuição que nele se faz dos *Psalmi Confessionales* a Fr. Diogo Carlos. Não nos decidamos imediatamente e escutemos um pouco mais a D. João de Castro:

"Morto o dito Senhor, os dous testamenteiros [Diogo Botelho e Cipião de Figueiredo³⁷] e Frey Diogo Carlos imprimiram em Paris os ditos psalmos, com o titulo seguinte: *Psalmi Confessionales in scrinis serenissimi Regis Portugaliae, D. Antonii, huius nominis primi, propria regia manu scripti*.... Os quaes espalharam e deram por seus a pessoas principalissimas. Não soffrendo eu tamanha impostura e imprudencia, fallei muy alto e muy publicamente contra isso e em particular com Cypriam de Figueiredo, de quem era muito amigo e camarada por então, tendo ainda delle aquella opinião que elle merecia dantes. Mas elle andando ja tocado e como se não fora o passado, não somente lhe não pareceo mal como complice, mas ainda passando a Inglaterra com alguns desenhos no fim do anno que morreo o Senhor Dom Antonio, o deo de presente aa Raynha e a principaes senhores da sua corte. Pouco depois os fizeram traduzir em frances que dirigiram aa princesa de Condé, mãy do Principe de Condé que hoje he, primeiro principe de sangue, para ser mais vulgada a falsidade e mais notorias as culpas do defunto. A elles me remeto".

Esqueçamos também aqui as críticas de D. João de Castro a Cipião de Figueiredo, que, juntamente com tantas outras que se podem ler nos escritos do neto do Vice-rei da Índia, dizem menos do seu carácter que dos seus desenganos e das questiúnculas e intrigas vitais que faziam parte do quotidiano da corte exilada e pobre do Prior do Crato e continuavam, depois de sua morte, entre os que tinham servido. As crónicas e outra documentação atestam-no ou sugerem-no³⁸. Atentemos apenas na precisão

³⁷ D. António Caetano de SOUSA, *Historia Genealogica da Casa Real...*, ed. cit., 539 - 551 publica os dois testamentos do Prior do Crato. Diogo Botelho e Cipião Figueiredo apenas foram nomeados testamenteiros no último (13. VII. 1595); P. José de CASTRO, *O Prior do Crato*, ed. cit., 410- 411. (Convirá esclarecer que, diante das variantes com que nos aparece o seu nome de baptismo - Cipião..., Ciprião...ou Cipriano... - optámos, para não cair no "ecletismo" nominal do P. José de Castro, por Cipião: Cipião de Figueiredo de Vasconcelos... D. António, ao nomeá-lo seu testamenteiro chama-lhe Ciprião..., e ele tal se assina, como se verifica pelo fac-simile da sua assinatura que reproduz J. Veríssimo Serrão, *O Reinado de D. António...*, ed. cit. 352 - 353, que, coerentemente, de acordo com o que expõe à pág. 327 n° 5, sempre traz Ciprião ou Dr. Ciprião de Figueiredo... D. João de Castro também lhe chama Ciprião... Outras vezes, sobretudo desde os fins de 1582, como ensina J. Veríssimo Serrão, assina-se Scipião de Figueiredo e assim o nomeia o *Rol das Pessoas*, escrito por Fr. Diogo Carlos, apenso ao testamento, e Fr. Pedro de Frias ao longo da sua crónica).

³⁸ Apenas alguma sugestão das muitas que traz Fr. Pedro de Frias: as invejas e afrontas entre o "Condestabre", D. Francisco de Portugal - por quem o franciscano nutre uma verdadeira simpatia - e Manuel da Silva eram notórias e chegaram quase a "concluzam no campo", isto é, a duelo..., tendo-se D. António despedido do serviço de D. António perante a manifesta parcialidade do príncipe, o que só não aconteceu por mediação de Fr. Diogo Carlos...; apesar de tudo, "não faltavam quem lhe

com que João de Castro cita o título da primeira edição dos *Psalmi Confessionales*... e, por outro lado, a defesa sincera da memória do rei... , afirmando, publicamente - porque haveremos de duvidar das suas palavras? -, a obrigação de manter secreto o que era do seu foro íntimo ou dizia respeito à vida privada do rei. O que o autor do *Tratado dos portugueses de Veneza*... não compreendeu foi, como já sublinhámos, a (feliz) estratégia hagiográfica que os testamenteiros e Fr. Diogo Carlos estavam levando a cabo ao editar as "confissões" de D. António e ao oferecê-las a grandes personagens que, directa ou indirectamente, o conheceram, e que transparece, como já dissemos, naquela afirmação final que pretende esclarecer o título da obra: *et ab ipso rege fuisse compositos laudabilis ejus mors testatur*... Curiosamente, D. João de Castro não transcreve esta parte dos esclarecimentos do título da obra.... Compreensivelmente. Estes escritos íntimos que revelam o "autêntico" D. António, isto é, para o dizer com as acertadas expressão do seu conselheiro, os seus vícios, defeitos e senões, não eram para ser divulgados... Com algum pudor, haveria que preservar a sua imagem. D. João de Castro esquecia, porém, que se estava operando a transformação de um rei pobre, perseguido e exilado num grande arrependido e penitente... E não temos que interrogar-nos aqui sobre a intenção desta transformação hagiográfica.

E um pouco mais: aceitemos, agora, até prova em contrário, que, de acordo com as declarações de João de Castro, a primeira edição dos *Psalmi Confessionales* apareceu entre esses fins de Agosto em que morreu o Prior do Crato e aquele Dezembro de 1595 em que Cipião de Figueiredo levou alguns exemplares para Inglaterra...

foce com mexericos e novas que se poderão escusar...". O próprio D. António com as suas "paixões" parece favorecia esses atritos, como, por exemplo, ressalta do capítulo de culpas - que, talvez, já fossem "históricas", pois terão as suas raízes nos primeiros encontros do "Condestabre" com Catarina de Medici -, que fez a D. Francisco de Portugal, porque "se guabara antre damas, que também era hum dos que tinham pertença, no Reino, de Portugal, e que lha deixara a ele [D. António] e tão bem que o povo o quizera alevantar por Rei, mas que ele o não quizera consentir...". Agora, em causa estariam as más relações de António de Brito com o "Condestabre"... Isto em Paris, em ambiente "cortesão", para não falar de circunstâncias de guerra - como a dos Açores -, sempre mais propícias a "desgostos"...,"cóleras" e às consequentes "danações do estamaguão"... mais extremados, como acontecia com as relações de Cipião de Figueiredo e Manuel da Silva, sendo este constante e, segundo Pedro de Frias, injustamente favorecido de D. António. (Conf. Pedro de FRIAS, *Crónica del - Rei D. António...*, ed.cit., 25 - 26; 93 - 94; 122; 168 - 169; 173;175 *et passim*; J. Veríssimo Serrão, *O Reinado de D. António...*, ed. cit., 265 - 266; 290 - 291; 406). Esta perspectiva poderia, de certo modo, ser completada por algumas pistas da documentação dos seus "arquivos", como, por exemplo, o abandono do serviço do príncipe por parte de António da Veiga por não reconhecimento dos seus trabalhos...; abandono do serviço por D. António da Gama"com queixa de certo escrúpulo do rei português"...; (Conf. Mário A. Nunes Costa, *Os Arquivos del - Rei D. António...*, ed.cit., nº 46, 312, 56).

Não conhecemos qualquer outra fonte que permita confirmar ou pôr em juízo estas afirmações de D. João de Castro e, por isso, talvez seja necessário abordar esse hoje quase desconhecido Fr. Diogo Carlos, Franciscano, sem que possamos saber onde tomou o hábito (Alenquer? Santarém?), era filho daquela Guiomar Gomes que, por ordem do cardeal Henrique, foi encerrada no Limoeiro onde veio a morrer, por manter as suas declarações sobre o casamento do infante Luis de Portugal com sua irmã Violante Gomes - a mãe do Prior do Crato. Seu pai foi António Carlos, um cristão-novo³⁹. Compreendemos que estas circunstâncias dramáticas mais os laços de sangue tenham feito de Fr. Diogo Carlos, tal como outros membros da sua família⁴⁰, um fiel seguidor de seu primo co-irmão⁴¹. Com efeito, este "doutíssimo" frade - o adjectivo é de Fr. Fernando da Soledade que lhe não cita qualquer obra - , depois de ter "lido hum curso de Artes no convento de S. Francisco de Santarém" e de ter trocado " a cadeyra pelo pulpito, no qual brilhava com tantos meritos da sua erudição como fructos que fazia nas almas o sublime da sua doutrina", passou a Paris na peugada do seu régio primo exilado⁴², onde, segundo ainda o cronista franciscano, "com suas letras grangeou naquella corte as mesmas honras que os seus naturaes lhe fazião...". Curiosamente, Fernando da Soledade parece ignorar todas as andanças de paz e de guerra em que, por acompanhar o seu príncipe, se viu envolvido Fr. Diogo Carlos, andanças que as crónicas registam e muita documentação comprova⁴³. Ignora ainda que foi Fr. Diogo Carlos quem redigiu, como o fizera com outros documentos ao longo de muitos anos⁴⁴, os dois testamentos do príncipe português e ficou encarregado de velar pelos seus filhos. Não conhecemos as fontes de Fr. Fernando da Soledade que, em apoio daquele "doutíssimo" com que o brinda e do "sublime da sua doutrina",

³⁹ Mário BRANDÃO, *Coimbra e D. António*, ed. cit., 5; 8

⁴⁰ P. José de CASTRO, *O Prior do Crato*, ed. cit., 386 regista entre os que saltaram em Peniche (1589) um Manuel da Costa, sobrinho de Fr. Diogo Carlos.

⁴¹ J. Veríssimo Serrão, *O Reinado de D. António...*, ed. cit., 30

⁴² J. Veríssimo Serrão, *O Reinado de D. António...*, ed. cit., 30, remetendo para o "rol das pessoas", isto é, para a declaração de *Dividas, que tenho despoes de Rey do que não era da Coroa* que publica D. António Caetano de SOUSA, *Historia Genealogica da Casa Real...*, ed. cit., 552 - 557, informa que Fr. Diogo Carlos, tendo sido preso pelas justças de Filipe II, logrou escapar para França. Efectivamente, entre "os que não erão meus criados antes de rey, que me vieram buscar a França" está (nº 51) esse franciscano seu primo.

⁴³ Pedro de FRIAS, *Crónica del - Rei D. António...*, assinala a presença (e até um certo ascendente) de Fr. Diogo Carlos junto de D. António, sugerindo uma particularmente boa relação sua com D. Francisco de Portugal (conf. 94 - 95) antes do que se passou acerca "de hua crus que o p. frey Diogo Carlos lhe dera que fora da senhora dona Luiza, sobre o que tambem socederão desgostos" (122), desgostos que, segundo D. João de Castro derivaram de "mexericos do próprio Fr. Diogo junto de D. António (Conf. J. Veríssimo Serrão, *O Reinado de D. António...*, ed. cit., 406 - 407); foi, aliás, um dos que seguiu o Prior do Crato na jornada da Terceira (152, 188).

⁴⁴ Mário A. Nunes Costa, *Os Arquivos del-Rei D. António...*, ed. cit., nº 38, 39, 60, 75 et passim...

apenas refere, concretamente, os epitáfios que compôs para o túmulo de D. António e para o de Diogo Botelho. Não saberia que, segundo se afirma numa carta de D. António a Gregório XIII, era doutor em Teologia⁴⁵ e se lhe atribuem uns *In Psalmum Quinquagesimum Commentaria* (Mantuae, apud Bindonum, 1603) e umas *Litaniae, quibus peccator per invocationem singularum personarum Sanctissimae Trinitatis pro peccatis suis a Deo misericordiam deprecatur* (Paris, apud Leonem Cavillat, 1600)⁴⁶? Estas referências à sua formação humanística e teológica - uma e outra coisa bem presentes no texto em causa - e às obras que publicou, fazem, igualmente, de Fr. Diogo Carlos um bom candidato à autoria dos *Psalmi Confessionales*... E se as conjugarmos com as afirmações de D. João de Castro, talvez tenhamos mesmo de aceitar que esse franciscano é realmente o verdadeiro autor desses textos penitenciais e dos devocionais que os acompanham. Talvez, um dia, uma comparação dos *Psalmi* com as *Litaniae* nos possam revelar afinidades ignoradas entre os dois textos... Os títulos, pelo menos, assim o sugerem....

II - Não nos ocupemos, por agora, em aprofundar um pouco mais as questões em torno da verdadeira autoria dos *Psalmi Confessionales*... Mesmo sob o signo da ambiguidade e dos protestos de D. João de Castro, a obrinha foi sempre lida como se fosse a confissão do príncipe português..., desse *gran principe lusitano* que, como dizia, logo no título que pôs à sua tradução para castelhano (Bruxelas, 1635), o cisterciense J. Çaramuel, nesse seu *Psalterio* descobria *soberanias de espiritu...*, no que poderia não ir, então, uma subtil ironia que hoje seríamos tentados a atribuir a quem polemizou contra a restauração da independência portuguesa⁴⁷... Em França, onde, como revelará, mesmo que provisoriamente, a lista de edições que lográmos estabelecer, a obra conheceu a sua maior difusão, esta perspectiva nunca foi abandonada. Igualmente em Inglaterra foi o *royal*

⁴⁵ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., IV, Lisboa, 1759, 97. A deduzir do que informa o Abade de Sever nesse lugar citado, teria alcançado o grau de Doutor em Teologia no Colégio de S. Boaventura de Coimbra.

⁴⁶ Só conjugando as informações que dá D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., I, 642 e IV, 97 podemos saber que Fr. Diogo Carlos publicou *Psalmum Quinquagesimum Commentaria*, Mantuae, Apud Bindonum; quanto a *Littaniae, quibus peccator...*, a informação trá-la Barbosa Machado no vol, IV, 97; tanto L. WADDING, *Scriptores Ordinis Minorum*, Romae, MDCL, 182 col.1, como Giancinto SBARAGLIA, *Supplementum et Castigatio ad Scriptores Trium Ordinum S. Francisci a Wadding allisque descriptos*, Romae, 1806, II, 7 nada adjantam em relação às informações de Barbosa Machado.

⁴⁷ Luis Reis TORRAL, *Ideologia Política e Teoria do Estado na Restauração*, Coimbra, 1981, I, 137, 138, 203 *et passim...*, apresenta um excelente perspectiva destas polémicas em que interveio esse tradutor dos *Psalmi Confessionales*.

penitent que prevaleceu.... Curiosamente, em Portugal tal perspectiva só ficou registrada na primeira edição da tradução portuguesa (1653).

Mas antes de abordar as questões levantadas por essa confissão de um príncipe, teremos de precisar algumas sugestões que foram ficando feitas acerca da estruturação da obra.

O seu título em primeiro lugar. Se a tradição do gênero em que se pode filiar a obra ficou já apontada, convirá aqui acentuar que o seu título - *Psalmi Confessionales* - parece indicar, imediatamente, não só uma estrutura textual, mas também as circunstâncias para que foi escrito esse texto. Com efeito, trata-se, como em diversos apontamos, de um conjunto de sete meditações em que um pecador confessa os seus pecados e invoca a misericórdia de Deus... O número dessas meditações decorre, evidentemente, da sua conotação com os sete "salmos penitenciais", ainda que, como teremos ocasião de aludir, não se guarde, directa ou indirectamente, qualquer relação com qualquer dos salmos que forma esse conjunto autonomizado do texto bíblico nem, muito menos, com qualquer progressão ou dinâmica interior que se queira acentuar na organização dos sete salmos bíblicos. Era esta, aliás, uma quase regra do gênero⁴⁸. Mas que essas meditações foram concebidas como salmos e para serem lidas segundo a prática salmódica própria do breviário ou, ainda mais proximamente, da de muitas orações recomendadas nas artes de morrer para os momentos finais do agonizante⁴⁹, talvez esteja a indicá-lo a doxologia final que acompanha cada salmo nas edições francesas - em latim, em francês ou bilingues. A esta precisa estrutura salmódica seguem-se duas orações: *Gratiarum actio contricti peccatoris veniam ad Deum impetrantis* e *Ad Deum summum orbis moderatorem deprecatio*... Estas duas orações não aparecem em todas as edições, havendo algumas que apenas guardam a primeira.

Se, desde o título da obra, *Psalmi* sugere a estrutura textual que acabámos de analisar, o *Confessionales* que os define, pode indicar a estrutura do tema - a penitência. Como revelam, se interpretados nessa linha biografizante que se insinua já nos esclarecimentos da primeira edição, alguns "versículos", tratar-se-ia de um texto para preparar a última confissão... e, talvez, por isso, ainda que os termos sejam, tantas vezes,

⁴⁸ M. Jeanneret, *Poésie et Tradition Biblique...*, ed.cit., 387 - 399, 400 - 401 et *passim*...

⁴⁹ Estevão de CASTRO, S. J., *Breve Aparelho e modo facil pera ajudar a bem morrer hum Christão*, Lisboa, 1621 é um bom, e difundido, mas não tão breve como insinua o título..., exemplo tanto dessas *artes bene moriendi* como das orações que se recomendam para "quando o enfermo estiver morrendo". Na ed. que utilizámos (Lisboa, 1663) esse conjunto de orações, algumas, ao parecer, alternativas, encontra-se pág. 235 - 245. Para a difusão do *Breve Aparelho*... no século XVII português, conf. AA. VV., *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal. 1501 - 1700*, Porto, 1988.

equivalentes, se intitularam *confessionales* e, não, *poenitenciales*. Estaríamos mesmo em dizer que parece ter-se preferido acentuar a forma de que revestiu a penitência e, se assim tiver sido, será sempre possível perguntar se tal opção deverá ser lida no contexto das polémicas teológicas à volta, precisamente, da Confissão-Penitência entre católicos e reformados. Notemos, contudo, que os *Psalmi Confessionales*, independentemente desta leitura que pressupõe, naturalmente, que foram escritos, como foram, por um autor católico, poderiam sempre ser lidos como um texto penitencial não imeditamente conotado com uma forma específica de penitência - neste caso a confissão sacramental. Com efeito, não há nos *Psalmi* expressões ou termos ou exigências que os conote formalmente com a prática desse sacramento. São a confissão, isto é, a declaração humilde de um pecador, independentemente da fronteira religiosa em se situava. O mesmo se dirá das orações finais que coroam os *Psalmi Confessionales*. Se, em sede católica, essas orações de acção de graças pelo perdão dos pecados pressupõem a absolvição do pecador pelo confessor, essas graças, tal como estão formuladas, podem, perfeitamente, ser lidas sem qualquer exigência de referência a um confessor e à absolvição dada. Era, assim, bem possível oferecer os *Psalmi Confessionales* como presente a Isabel I de Inglaterra... - que sempre "se conduzia tão amistosamente" para com D. António⁵⁰ - como o terá feito Cipião de Figueiredo⁵¹....

De qualquer modo, do ponto de vista do príncipe com que, como assinalámos, a tradição gostou de identificar o seu autor, toda a estrutura da obra e do tema indicará tratar-se de um texto penitencial destinado a preparar a prática da confissão sacramental. Mesmo que D. João de Castro não o dissesse, era fácil notar a carga dramática do texto que vem desencadeada por esta última confissão de um pecador à beira da morte. Fr. Jorge de Carvalho, O. S. B. , percebendo-a, intitulou a sua tradução : *Soliloquios em que hum peccador arrependido fala com Deos: disposições para bem se confessar e industrias para bem morrer...* Depois - ou o editor, por ele, o que é indiferente neste momento - acentuou-a, ao intitular, resumidamente, ao alto das páginas, a obra como *Solilóquios para bem morrer....* Mais tarde (1677), quando, por iniciativa do Padre Baltasar Guedes, a obra começou a aparecer incluída como complemento dos *Casos*

⁵⁰ P. José de CASTRO, *O Prior do Crato...*, ed. cit., 402; assim seria, mas haverá que anotar as eternas indecisões e inconstâncias de Isabel I em relação a D. António, como faz ver J. Veríssimo Serrão, *O Reinado de D. António...*, ed. cit., 284, 286... *et passim*.

⁵¹ E. FOURNIER, *Un Prétendant Portugais...*, ed. cit., 93 refere, citando os *Mémoires de Foucault*, que a difundida tradução francesa dos *Psalmi Confessionales* por P. Du Ryer era enviada para a Holanda "à l'usage de la religion prétendue réformée", notícia muito interessante que poderá confortar as nossas sugestões.

Raros da Confissão com regras e modo facil para fazer hua boa confissão geral ou particular de Cristobal de Vega, S. J., tradução do mesmo reitor do Colégio dos Meninos Orfãos do Porto, é essa mesma perspectiva de "arte de bem morrer" que prevalece, mas agora, mesmo a partir do título, sem qualquer alusão a que o "pecador arrependido" tinha sido D. António, Prior do Crato...

III - Aparentemente, a questão das fontes - continuemos a servir-nos deste termo não muito técnico nem muito preciso, mas extremamente cómodo e referenciador - do texto dos *Psalmi Confessionales* seria de relativamente fácil solução, já que, como muito bem viu Barbosa Machado⁵², é "rara a palavra de que se compoem, que não fosse della [Sagrada Escritura] extrahida". Para além de característica do género, há igualmente que contar, na hora de apurar as fontes de um texto penitencial, com a "utilização obsesiva que [dos salmos] veio a ser feita no século XVI"⁵³. No entanto, como já tivemos ocasião de referir⁵⁴, tal como nos "salmos" que a poesia do século XVI e XVII cria a partir do texto bíblico, os "salmos" em prosa também utilizam a mesma técnica de contaminação textual - entendamos, o recurso simultâneo a diversos salmos e outros textos bíblicos - que torna muito difícil, se não, algumas vezes, mesmo impossível - e outras, mesmo desinteressante ou até inútil⁵⁵ -, apontar fontes concretas para determinadas passagens. Mas é este trabalho poético que pode conferir interesse a um texto construído - muitas vezes, plenamente - sobre outro texto: a *Bíblia*. E, outras muitas vezes também, como teremos ocasião de verificar - e estão neste caso os *Psalmi Confessionales* - com recurso a textos já construídos sobre o texto bíblico.

O estudo das fontes dos *Psalmi Confessionales* encontra-se, de qualquer modo, muito facilitado pela sinalização marginal que delas fazem

⁵² D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., I, 192; também D. António Caetano de SOUSA, *Historia Genealogica da Casa Real...*, ed. cit., III, 382-383 declara, um pouco menos radicalmente, que "são tecidos de varios lugares da Escritura, aonde com muito espirito falla hum peccador com Deos antes da confissão".

⁵³ V. Graça MOURA, *Camões e a Divina Proporção*, ed. cit., 19

⁵⁴ José Adriano de F. Carvalho, *No texto do Cancioneiro...*, art. cit., 271-273

⁵⁵ Um exemplo - difundido exemplo, aliás - poderia ser, nesta área semântica em que nos situamos, o *Psalms Morientium* ou *Oratio Collecta ex versuculis Psalmorum contra daemones pro articulo mortis ex divo Hieronymo* que trazem algumas artes de morrer "barrocas"... (Estevão de CASTRO, *Breve Aparelho...*, ed. cit., 235 - 241). A menos que se tratasse de um aproveitamento desse *Psalms* que copiasse trechos relativamente extensos que permitissem mostrar que o que interessara no aproveitamento da fonte fora a organização sequencial que S. Jerónimo imprimira ao seu texto, torná-lo ou propô-lo como fonte "literária" no século XVI ou XVII seria, quase sempre, de pura inutilidade, já que é, fundamentalmente, um trabalho de ensemblador..., notável embora, de versículos bíblicos...

alguns editores franceses e até italianos⁵⁶. Com efeito, deixaram apontadas, com precisão, inúmeras vezes, senão mesmo a maior parte das vezes, em que se verifica o recurso literal ao texto bíblico - *Livro de Job...*, *Salmos...*, *Profetas...*, *Novo Testamento...* etc. - e, em menor número, às *Confissões* de Santo Agostinho. E também a Petrarca, mas, neste caso, sem identificar a obra. Um conjunto não muito vasto de obras, que, porém, se traduzem em vastos textos. Evidentemente, desse precioso trabalho de identificação de fontes não caberá esperar a notação de todas as dependências textuais que implicou a elaboração do seu texto pelo autor português. E, em alguns casos, é mesmo surpreendente que tenham deixado de identificar algumas aparentemente mais visíveis do que muitas outras que referenciaram. Por outro lado, não tinham porque anotar esse trabalho de elaboração textual que, muitas vezes, atinge os níveis de uma elaboração poética, a que procedeu o autor dos *Psalmi Confessionales*, trabalho que se reveste de várias modalidades. Não é possível oferecer aqui uma análise comparativa exaustiva do texto dos *Psalmi Confessionales* com as suas fontes, já que isso, como se compreenderá do que fica exposto, corresponderia a uma edição comentada dos mesmos. Limitar-nos-emos, por isso, a apresentar alguns exemplos das diferentes modalidades, de acordo com um grau decrescente de complexidade, desse trabalho de elaboração textual.

Haverá, naturalmente, que começar por exemplificar os diversos modos por que o autor dos *Psalmi Confessionales* aproveitou o texto bíblico. E antes de mais, obviamente, os *Salmos*⁵⁷.

Para a construção das diferentes unidades ou momentos mais ou menos longos, o autor português

⁵⁶ Joaquim Araújo, *Bibliografia Historica - I - Dom Antonio, Prior do Crato*, Livourne, 1899, 191 - 192, nº 45, ao descrever a edição dos *Sette Salmi, e Lacrime Confessionali del Signor D. Antonio...*, Florença, Marescotti, 1604 (trad. de Filippo Valori) aponta que no final traz uma "Tavola de luquoji della Scrittura donde Salmo, o Lacrima esca l'Attrizione". Esta edição foi dedicada "alla Serenissima MadamaCristina di Lorena, Gran Duchessa di Toscana". Maria Cristina de Lorena, a última representante directa de Il Magnífico, casou com o Grão Duque de Toscana, Fernando I, tio de Maria de' Medici, rainha de França, pelo seu casamento com Henrique IV. Ora, Maria de' Medici interessou-se pela viagem que Cipião de Figueiredo fez a Itália, escrevendo a seu favor a Fernando I, em 1601. O Dr. Cipião de Figueiredo esteve em Florença, por essa data. Terá sido nesta conjuntura que os *Psalmi Confessionales* aí terão sido conhecidos e, pouco depois, traduzidos? P. DURAND-LAPIE, *Dom Antoine...*, ed. cit., 103-104 refere as possíveis causas da estima e protecção que Maria de' Medici manifestava a Cipião de Figueiredo e transcreve a carta da rainha para Fernando I de Toscana

⁵⁷ Para as nossas referências escuritúricas servimo-nos da *Biblia Sacra Vulgata editionis, Sixti V et Clementis VIII Pont. Max. jussu recognita atque edita*, Paris, 1741; e, como dissemos, para os *Psalmi Confessionales*, de *Les Pseaumes Latins de Dom Antoine Roy de Portugal avec la traduction en François*, Strasbourg, 1731. Nas citações dos *Psalmi Confessionales* indicamos o nº do "salmo" seguido do nº de página. Os versículos bíblicos e outros textos que não vêm identificados como fontes pelo editor (ou pelo tradutor, Sevry?) francês de 1731 são precedidos de *.

1 - Nunca aproveitada de forma contínua um único salmo e também não há qualquer salmo totalmente inserido - unitária ou fragmentariamente - no texto dos *Psalmi Confessionales*. Quando muito, e mesmo assim, com escassa frequência, poderemos apontar a utilização de dois versículos seguidos de um mesmo salmo, como, por exemplo:

Psalmi Confessionales

Faciem tuam, Domine, requiram,
et vultum tuum gemebundus
deprecabor, ne derelinquas me et ne
declines in ira a servo tuo. IV, 39

*Tibi dixit cor meum: exquisivit te
facies mea: faciem tuam, Domine,
requiram.

Ne avertas faciem tuam a me: ne
declines in ira a servo tuo. Ps. 26,
8-9.

2 - Mais frequente, sem, contudo, atingir, normalmente, o grau de complexidade dos exemplos seguintes, é o trabalho de construção textual a partir de diferentes versículos de diferentes salmos:

Tu ergo, Domine, qui omnes
miserias meas nosti et a quo
figmentum fragilitatis meae non est
absconditum, projice post tergum
tuum omnia peccata mea et
iniquitatum mearum antiquarum ne
memineris, sed salvum me fac
secundum misericordiam tuam ex
omnibus persequentibus me et
libera me, quoniam non est qui
redimat, neque qui salvum faciat,
nisi tu, Domine, qui salvos facis
omnes sperantes in te et liberas
pauperem a potente et de manu
fortiorum ejus.

Ne memineris iniquitatum
nostrarum antiquarum. Ps. 78, 8.

Salvum me fac ex omnibus
persequentibus me et libera
me...dum non est qui redimat,
neque qui salvum faciat Ps. 7, 2-3.

:qui salvos facis sperantes in te.
Ps. 16, 7.

quia liberabit pauperem a potente.
Ps. 71, 12.

Eripiens inopem de manu fortiorum
ejus. Ps. 34, 10.

Ne avertas faciem tuam a me. Ps.
26, 9.

Ne abscondas ergo, Domine, a me
faciem tuam, ne despicias me Deus
salutaris meus, firmamentum meum
et liberator meus, quoniam pauper
et inops ego sum nimis. V, 40-41

*fortitudo mea, firmamentum
meum, refugium meum, liberator
meus. Ps. 17, 2-3.

Miserere mei Deus, quoniam tribulor ...

Torrentes enim iniquitatis conturbant me et intraverunt aquae usque ad animam meam, ita ut quasi fluvius inundans, peccata mea, quae hactenus dissimulavi, confiteri quoque et emendare neglexi, eousque excreverint, ut supergressae sint caput meum ..., VII, 56

*salutaris noster. *Ps. 78, 9.*
quoniam inops et pauper sum ego. *Ps. 85, 1.*
*quia pauperes facti sumus nimis. *Ps. 78, 8.*
* Miserere mei Domine quoniam tribulor. *Ps. 30, 10.*

:torrentes iniquitatis conturbaverunt me. *Ps. 17,5.*
: quoniam intraverunt aquae usque ad animam meam. *Ps. 68,2.*
: quoniam iniquitates meae supergressae sunt caput meum. *Ps. 37, 5.*

3 - Frequentemente, pode assistir-se ao aproveitamento simultâneo de dois ou mais textos bíblicos - o *Livro dos Salmos...*, *Jeremias...*, *Isaias...*, *Novo Testamento...*, etc., havendo páginas completamente construídas de acordo com esta modalidade que, nesses casos, poderia dizer-se de autêntica *collage*:

Quis dabit capiti meo aquam et oculis meis fontem lacrymarum, ut moerore congruo animae meae damna deplorare sufficiam.

Adest quippe manifesta et maxima causa moestitiae, cum antiquos dies cogitavi ac juveniles annos...

In hac meditatione mea defecit spiritus meus

I, 1-2

Quid faciam Domine? aut quo ibo, cum novissimum tempus meum venerit ubi abscondar a vultu irae tuae aut quo a facie tua fugiam, cum clamaveris me ad iudicium et

Quis dabit capiti meo aquam et oculis meis fontem lacrymarum? *Jerem. Ps. 9, 1.*

Cogitavi dies antiquos et annos aeternos. *Ps. 76,6.*

et defecit spiritus meus. *Ps. 76, 4.*

* :quid faciam tibi? *Job, 7, 20.*

et quo a facie tua fugiam? *Ps. 138, 7.*

requisieris a me de talento mihi tradito rationem?

Quid respondebo tibi, aut quomodo negligentiam meam excusabo cum sederis super thronum majestatis tuae et usque ad ultimum quadrantem praeceperis mihi reddere rationem villicationis meae?

Dicam equidem: Domine, vim patior, responde pro me, quis enim ego sum ut respondeam tibi in iudicio? II, 5-6

Miserere ergo mei Deus et imple petitionem pauperis, qui dives es in misericordia ac soles in hilaritate misereri et purgas voluntatem a consuetudine mala et exaudis gemitus compeditorum et solvis a vinculis, quae nobis fecimus, si non erigamus adversum te cornua falsae libertatis.

Operi manuum tuarum porrige dexteram, ut non, cum cecidero, collidar, et collisus detrahar in profundum lacum, in quo non est aqua.

Libera me de ore leonis truculenti ad praedam parati et animae meae inhiantis ut devoret. Protector enim meus et liberator meus tu solus es et in sola misericordia tua, tota spes mea est. III, 18-19

* Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum et posuit rationem cum eis. *Math.*, 25, 14-19.

* : et ego respondebo tibi. *Job*, 14, 15.

: non exies inde, donec reddas novissimum quadrantem. *Math.*, 5, 26.

redde rationem villicationis tuae. *Luc.*, 16, 2.

Domine, vim patior, responde pro me. *Isa.*, 38, 14.

* Quantus ergo sum ego, ut respondeam ei? *Job*, 9, 14.

* Miserere mei Deus. *Ps.* 50,3; *Ps.* 51,2; *Ps.* 56, 2.

Deus autem, qui dives est in misericordia. *Ad Eph.*, 2, 4.

ut audiret gemitus compeditorum ut solveret filios interemptorum.

Ps. 121, 21.

: operi manuum tuarum porriges dexteram. *Job*, 14, 15.

Cum ceciderit, non collidetur. *Ps.*, 36, 24.

ad infernum detraheris in profundum laci. *Isa.*, 14, 15

* Salva me ex ore leonis. *Ps.* 21, 22.

* sicut leo paratus ad praedam. *Ps.* 16, 12.

* quoniam tu protector meus est. *Ps.* 30, 5; 32,20.

et in eis qui sperant super misericordia ejus. *Ps.* 32, 18.

Non ut tibi notas faciam vias meas
qui omnes ab initio praevidisti et
omnes gressus meos dinumerasti.
V, 30

: induatur caro meo putredine et
consumatur vermibus, sed quaeso,
Domine, tantum parce animae meae
et in eam non extendas manum
tuam. VI, 49

Et noli opprobi viduitatis meae
recordari amplius, ut in te noviter
indutus, atque novus homo factus
novo spiritu in novitate vitae
serviam tibi. VII, 65-67

Sicut pullus hirundinis, aut
columbae gemebundus pro esca ad
matrem clamat, sic et ego gemens et
flens in hac lacrymarum valle ad te
clamo, Deus meus, et adjutor meus,
in necessitatibus ut eruas me ab
omni tentatione usque in finem...
Gratiarum actio, 71

* Et omnes vias meas praevidisti.
Ps. 138, 4.

* Tu quidem gressus meos
dinumerasti. *Job, 14, 16*

Induta est caro mea putredine. *Job,*
7, 5.

* verumtamen animam illius conserva.
Job, 2, 6

tantum in eum ne extendas manum
tuam. *Job, 1, 12**

* et opprobrii viduitatis tuae non
recordaberis amplius. *Isa. 54, 4*

Renovamini autem spiritu mentis
vestrae et induite novum hominem .
Ad Ephes. 4, 23-24.

* Sicut pullus hirundinis sic
clamabo. *Isa., 38, 14.*

et quasi columbae meditantes
gememus. *Isa., 59, 11.*

* in valle lacrymarum. *Ps., 83, 6.*

4 - Em outras ocasiões, o autor dos *Psalmi Confessionales* não
recorre ao *Liber Salmorum* - combinado ou não com outros textos bíblicos - ,
mas, sim, a um único texto bíblico que não os salmos, resumindo-o, alguma
vez:

Peccavi enim super numerum
arenae maris .V, 32

Supra fragile et fallibile
fundamentum inaixus sum et
baculo arundineo atque confracto
incubui. V,37

Rediissem utique, licet pavidus ac
pudefactus, paterna tamen
benignitate tua fretus.

* quoniam peccavi super numerum
arenae maris. *Oratio Manassae.*

* Ecce confidis super baculum
arundineum et confractum istum.
Isa., 36, 6.

Et dixit adolescentior ex illis patri:
Pater, da mihi portionem
substantiae meae quae me contingit.

Dulcis enim pater es filio
proficiscenti in longinquam
regionem: sed ex diuturna
peregrinatione redeunti, multo
dulcior.

Attamen redeundi ad te, Deus meus,
facultate careo. VI, 44

Et divisit illis substantiam.

Et non post multos dies, congregatis
omnibus adolescentior filius peregre
profectus est in regionem longin-
quam et ibi dissipavit substantiam
suam vivendo luxuriose.

Et postquam omnia consummasset,
facta est fames valida in regione illa
et ipse coepit egere.

Et abiit et adhaesit uni civium
regionis illius. Et misit illum in
villam suam ut pasceret porcos.

Et cupiebat implere ventrem suum
de siliquis, quas porci manducabant
e nemo illi dabat.

In se autem reversus, dixit: quanti
mercenarii in domo patris mei
abundant panibus, ego autem hic
fame pereo.

Surgam et ibo ad patrem meum et
dicam ei: Pater, peccavi in coelum
et coram te.

jam non sum dignus vocari filius
tuus, fac me sicut unum de
mercenariis tuis.

Et surgens venit ad patrem suum.
Cum autem adhuc longe esset, vidit
illum pater ipsius et misericordia
motus est et accurrens cecidit super
collum ejus et osculatus est eum.

Dixitque ei filius: Pater, peccavi in
coelum, et coram te, jam non sum
dignus vocare filius tuus.

Dixit autem pater ad servos suos:
Cito proferre stolam primam et
induite illum et date annulum in
manum ejus et calceamenta in pedes
ejus.

et adducite vitulum saginatum et
occidite et manducemus et
epulemur, quia hic filius meus

Vae mihi, quia totus lethaliter plagatus sum et a planta pedis usque ad verticem nulla est me sanitas. VII, 57

mortuus erat et revixit; perierat et inventus est. Et coeperunt epulari. *Luc., 15, 12-24*

* A planta pedis usque ad verticem, non est in eo sanitas. *Isa. 1, 6.*

5 - Muito frequente é, igualmente, o aproveitamento, algumas vezes em forma parafrástica, de expressões ou simples referências lexicais de origem bíblica:

et dum abyssus abyssum invocat. IV, 21

Abyssus abyssum invocat. *Ps., 41, 8.*

Vilis ego sum vermiculus. IV, 22
qui defectos meos sine
compassione damnabant
et insultantes mihi dure et invective
adversum me jurgia provocabant. VI, 46

* Ego autem sum vermis. *Ps. 21, 7.*

et os ejus jurgia provocat. *Prov., 18, 6.*

O quam dulcis et quam suavis vox illa tua, Domine. VI, 50

* Vox enim tua dulcis. *Cant. Cant., 2, 14.*

Nec advertis quod illius summum bonum, vapor est ad modicum parens et vanitas vanitatum? VII, 61

* Vanitas vanitatum, dixit Ecclesiastes: vanitas vanitatum et omnia vanitas. *Eccles., 1, 2.*

Et denuda me vilibus viduitatis meae indumentis. VII, 65

* et opprobrii viduitatis tuae non recordaberis amplius. *Isa., 54, 4.*

6 - Haverá ainda a referir que, inúmeras vezes, poderemos encontrar aquilo que poderia dizer-se uma simples reminiscência - longínqua ou imprecisa - do texto bíblico, dele, então, apenas recolhendo, apoiado numa palavra-chave, uma ideia ou um sentimento:

Et non ad multitudinem miseriarum mearum, sed ad magnitudinem miserationis tuae adspicias. II, 13

* Exaudi me, Domine, quoniam benigna est misericordia tua: secundum multitudinem miserationum tuarum respice in me. *Ps. 68, 17?*

ut non in aeternum irascaris mihi,

* Miserere mei, Domine, quoniam

sed miserearis tribulato servo tuo, ut te laudet anima mea et confiteatur miserationes tuas. II, 13

in me germinaverunt peccata, propter quae a facie tua ejectus sum, Deus meus, et a tuae praesentiae consolatione destitutus. V, 38

Consolantem me quaesivi in afflictionibus et calamitatibus meis., VI, 46

fac oriri hoc lumen tuum in tenebris meis. VI, 48

ac pone spiritum tuum in medio mei, ut ambulem in praeceptis tuis et iudicia tua custodiam. VI, 50

Ad quem clamabo, nisi ad te [...] ad te inquam qui non frustratis sperantes in te ? VII, 64

tribulor: conturbatus est in ira oculus meus, anima mea, venter meus. *Ps. 30, 10 ? +*

* Domine, labia mea aperies et os meum annuntiabit laudem tuam. *Ps. 50, 17.?*

* Ne projicias me a facie tua et spiritum sanctum tuum ne auferas a me. *Ps. 50, 13?*

* Et sustinui qui simul contristaretur et non fuit: et qui consolaretur et non inveni. *Ps. 68, 21?*

Quoniam tu illuminas lucernam meam, Domine, Deus meus, illumina tenebras meas. *Ps. 17, 29?*

* Beati immaculati in via: qui ambulant in lege Domini. *Ps. 118, 1 +* Justificationes tuas custodiam. *Ps. 118, 8 +* In labiis meis pronunciavi omnia iudicia oris tui. *Ps. 118, 13?*

* Deus meus, clamabo per diem et non exaudies; et nocte, et non ad insipientiam mihi.

[...] In te speraverunt patres nostri: speraverunt et liberasti eos.

Ad te clamaverunt et salvi facti sunt: in te speraverunt et non sunt confusi. *Ps. 21, 3-6?*

7 - Antes de abandonar o trabalho do autor dos *Psalmi Confessionales* sobre o texto bíblico, constatemos que também soube recorrer a orações que, não sendo propriamente bíblicas, estão intimamente relacionadas com o seu texto, especialmente com o *Novo Testamento*. Referimo-nos ao aproveitamento de alguns versículos do *Symbolum Concilii Niceni*, vulgarmente dito *Credo*:

Aut quis poterit sanare infirmitatem meam, nisi qui propter homines et propter humanam salutem descendit de coelis ut sanarentur a lanugoribus suis? IV, 28

* Qui propter nos homines et propter nostram salutem descendit de coelis. *Symbolum Concilii Niceni.*

O recurso às *Confissões*⁵⁸ do bispo de Hipona reveste-se de modalidades semelhantes, ainda que o autor dos *Psalmi Confessionales* não se tenha dedicado, aqui, a um trabalho combinatório sistemático do texto agostiniano com textos de outra origem. Com efeito, a fusão de textos agostinianos com textos bíblicos - salmos ou outros - raramente se verifica e, em alguns casos em que aparentemente tal se daria, o texto bíblico alegado encontra-se já no texto das *Confissões* aproveitado. Deverá notar-se também que, como em outras ocasiões, os textos que o autor dos *Psalmi Confessionales* aproveita ou em que se inspira nem sempre conservam o seu sentido original. Era esta, aliás, outra das "regras" da técnica dos "salmos". E, por outro lado, como veremos a seu devido tempo, alguma reminiscência de Santo Agostinho chega-lhe através de Petrarca.

Psalmi Confessionales

Confessiones

Exhalabantque de limosa concupiscentia carnis et scatebra pubertatis et obnubilabant cor meum, ut non discerneret lucem a tenebris et serenitatem mentis a caligine libidinis. II, 8

et aetatem imbecillem, obliviosam ac lascivam rapiebat voluptas perfida ac dolosa per abrupta cupiditatis et ebuliebam per scortationes meas. II, 8

Dies adolescentiae meae malae et nefandae transierant et pergebam in juventutem, sed ad priores revertabar. Quanto aetate maior,

sed exhalabantur nebulae de limosa concupiscentia carnis et scatebra pubertatis et obnubilabant atque offuscabant cor meum, ut non discerneret serenitas dilectionis a caligine libidinis. II, 2, 2.

* Utrumque in confuso aestuabat et rapiebat imbecillam aetatem per abrupta cupiditatum atque mersabat gurgite flagitiorum. II, 2, 2.

* Iam mortua erat adulescentia mea mala et nefanda et ibam in iuventutem, quanto aetate maior, tanto vanitate turpior. VII, 1, 1.

⁵⁸ Santo AGOSTINHO, *Las Confessiones* (texto bilingue), Ed. crítica y anotada por Angel C. Vega, O. S. A., Madrid, 1963. Como nas fontes escriturísticas os textos não identificados pelo editor francês de *Les Pseaumes Latins...* vão precedidos de *.

tanto vanitate turpior. II, 9

Ubi ergo aliquando innocens fui? II, 10

Tacui in vitiis sicut porcus in immunditiis et sicut ille siliquis pascur, sic ego fabulosis et scurrilibus verbis oblectabar. II, 10

In omni denique genere deliciarum saeculi a deliciis domus tuae longe lateque exulavi. IV, 26

et ut recolehti vias meas nequissimas in amaritudine recogitationis meae dulcescas mihi, dulcedo non fallax, dulcedo amabilis, dulcedo felix et segura. V, 33

Inhiavi siti inextinguibili honoribus ac lucris et in cupiditatibus saevissimas passus sum difficultates.

V, 37

Magna quidem cum iucunditate audio, quod exultantis pastoris humeris reportetur ovis, quae erraverat.

Et drachma referatur in thesauros tuos collaetantibus vicinis mulieri, quae invenit.

Et lachrymas excutit gaudium solemnitatis domus tuae cum legerem in ea de minore filio quoniam mortuus erat et revixit. VI, 51-52

In te jam, Domine et Pater inclyte, confido: nec erubescam confiteri

* ubi, Domine, ego, servus tuus, ubi, aut quando innocens fui? I, 7, 12

* et longe peregrinabar abs te, exclusus et a siliquis porcorum, quos de siliquis pascebam! Quanto enim meliores grammaticorum et poetarum fabellae quam illa decipula. III, 6, 11

* Ubi eram? et quam longe exsulabam a deliciis domus tuae anno illo sexto decimo aetatis carnis meae. II, 2, 4

Amore amoris tui facio istuc, recolehti vias meas nequissimas in amaritudine recogitationis meae, ut tu dulcescas mihi, dulcedo non fallax, dulcedo felix et segura. II, 1, 1

Inhiabam honoribus, lucris, coniugio et tu inridebas. Patiebar in eis cupiditatibus amarissimas difficultates. VI, 6

Et nos cum magna iucunditate audimus, cum audimus quam exultantibus pastoris umeris reportetur ovis, quae erraverat, et drachma referatur in thesauros tuos collaetantibus vicinis mulieri, quae invenit, et lacrimis excutit gaudium solemnitatis domus tuae, cum legitur in domo tua de minore filio tuo, quoniam mortuus fuerat et revixit, perierat et inventus est. VIII, 3, 6

Sed sic eram nec erubescam, Deus meus, confiteri tibi in misericordias tuas et invocare te,

tibi deformitates et blasphemias meas, qui non erubui profiteri eas coram hominibus et latrare adversum te. VI, 54

Miseratus es enim terram et cinerem, et placuit in conspectu tuoreformare omnia deformia mea et servare me a ab aquis multis ne absorberet me profundum. *Gratiarum actio, 67*

...quia tu es Deus Salvator et liberator meus, qui eripuisti me de viis meis pessimis. *Gratiarum actio, 67*

... ut neque ego deficiam in confitendo tibi miserationes tuas, sed benignus accipe sacrificium confessionum mearum de manu linguae meae. *Gratiarum actio, 70*

Sub umbra manus tuae protege me, et in sinu misericordiae tuae fove me, ne implumen pullum conculcent qui transeunt viam.

Sed mitte Angelum tuum, qui eum reponat in nido, ut vivat donec volet. *Gratiarum actio, 70-71*

qui non erubui tunc profiteri hominibus blasphemias meas et latrare adversum te. IV, 16, 31

* Tu vero, Domine, in aeternum manes et non in aeternum irasceris nobis, quoniam miseratus es terram et cinerem, et placuit in conspectu tuo reformare deformia mea. VII, 8, 12

* et assumpsit me de aquis multis. *Ps. 17, 17*

* ne que absorbeat me profundum. *Ps. 68, 16*

* ...neque deficiam in confitendo tibi miserationes tuas, quibus eruisti me ab omnibus viis meis pessimis. I, 15, 24

* Accipe sacrificium confessionum mearum de manu linguae meae. V, 1, 1

* in umbra manus suae protexit me. *Isa. 49, 2; 51, 16*

* et domine Deus, miserere, ne implumem pullum conculcent qui transeunt viam et mitte angelum tuum, qui eum reponat in nido, ut vivat donec volet. XII, 27, 37.

São estes a totalidade - ou, pelo menos, assim nos parece - dos empréstimos que o autor dos *Psalmi Confessionales* fez às *Confissões*, o que, tal como para o texto bíblico, não podemos ainda encontrar alguns ecos

dessa obra agostiniana traduzidos no emprego de certas fórmulas ou expressões, alguma das quais - *regio dissimilitudinis*, por exemplo - integrava, desde há muito, a linguagem de certas correntes místicas.

Sed, proh dolor! medicinam ex
occulta manu misericordiae tuae
inscitus suscipio. I, 4

* Et residebat tumor meus ex
occulta manu medicinae tuae. VII,
8, 12

...sed in terra sterili et in regione
mortis ubi nulla requies. III, 14
Sed age, Domine, dulcedo mea,
fiducia mea. VI, 47

* Beatam vitam quaeritis in regione
mortis: non est illic. IV, 12, 18

* Quid ante hanc etiam, dulcedo
mea, Deus meus? I, 6, 9

* Gratias tibi, dulcedo mea, et
honor meus et fiducia mea. I, 20, 31

... et in regione dissimilitudinis
clamarem ad te de profundis.
Gratiarum actio, 67

* ... et inveni longe me esse a te in
regione dissimilitudinis. VII, 10,
16⁵⁹

Restaria ainda, neste capítulo sobre as fontes dos *Psalmi Confessionales* e dos textos que os acompanham referir as fontes do texto final *Ad Deum Summum orbis moderatorem deprecatio*, mas, tratando-se, como se trata, de uma variante da oração *Ante oculos tuos, Domine, culpas nostras...* de (ou atribuída a) Santo Agostinho mandada publicar por Urbano VIII - e que D. Francisco Manuel Melo glosou - com fortes contaminações da também tão "agostiniana" oração *Conditor Coeli* - igualmente parafraseada por Manuel de Melo - que, por sua vez, muitas reminiscências guarda desse hino ambrosiano vespéral *Conditor alme siderum*⁶⁰, atrevemo-nos, para não multiplicar as repetições dos mesmos textos e dos mesmos versículos, a apenas assinalar essas duas grandes fontes da *Deprecatio*...

No entanto, haverá que patentear aqui o largo aproveitamento que nos *Psalmi Confessionales* é feito dos *Psalmi Penitentiales* de F. Petrarca⁶¹. Também neste caso os antigos anotadores do texto indicaram, alguma vez,

⁵⁹ A origem e compreensão desta expressão de larga fortuna poderá ver-se na nota 52 do editor a esse lugar das *Confissões* (VII, 16), ed. cit., 294

⁶⁰ O texto latino da oração de Santo Agostinho pode ler-se, por exemplo, em D. Gaspar Lefebvre, *Missal Quotidiano e Vespéral*, Bruges, 1940, 111 - 112 e em tradução castelhana, ligeiramente parafraseada, em F. Manuel de MELO, *El Fenis de Africa* in *Obras Morales*, Roma, 1664, I, 236 - 239; *Conditor Coeli* em *Breve Aparelho...* de Estevão de Castro, ed. cit., 241 - 243 entre as orações "para quando o enfermo estiver a morrer".

⁶¹ F. PETRARCA, *Psalmi Penitentiales* in *Opere...*, ed. cit., 493 - 509. Como em casos anteriores as passagens não identificadas pelo editor francês vão precedidas de *.

sumariamente, o autor da fonte, mas, não só não apontaram a obra de Petrarca que o autor português estava a seguir nem, como veremos, a totalidade dos empréstimos. Estes, depois do texto bíblico, talvez sejam os mais numerosos e dada a sua natureza e a raridade da utilização dessa obra de Petrarca na cultura portuguesa - apenas recordamos a sua existência num códice alcobacense dos finais do século XV⁶² - apresentaremos aqui a totalidade do trabalho de elaboração - de um modo geral, bastante simples, aliás - a que procedeu o autor dos *Psalmi Confessionales* sobre os *Psalmi Poenitentiales* do autor italiano. Confessemos, já agora, que o autor português recorreu ainda a outra obra de Petrarca que não pudemos identificar⁶³.

Psalmi Confessionales

Hei mihi misero, qui iratum
adversum me constitui
Redemptorem meum et legem ejus
contumaciter neglexi.

Iter rectum sponte deserui et sicut
ovis renuens pastorem suum per
loca arida et inaquosa, longe
lateque circumactus sum, errans
inivio et non in via.

Aspera quaeque inaccessa
penetravi et ubique tribulatio et
angustiae. III, 13-14

sed quasi unus ex gregibus
brutorum, inter lustra ferarum fuit
incolatus meus. III, 14

In anxietatibus cum voluptatibus
moratus sum.

Et in sentibus cubile meum stravi
et obdormivi in interitum et speravi
requiem in tormentis.

Psalmi Poenitentiales

* Heu michi misero, quia iratum
adversus me constitui Redemptorem
meum, et legem suam contumaciter
neglexi.

* Iter rectum sponte deserui; et per
invia longe lateque circumactus
sum.

* Aspera quelibet et inaccessa
penetravi; et ubique labor et
angustie. I, 1-3

* Unus aut alter ex gregibus
brutorum; et inter lustra ferarum
habitatio mea. I, 4

In anxietatibus cum voluptate
versatus sum; et in sentibus cubile
meum stravi.

* Et obdormivi in interitum; et
speravi requiem in tormentis.

⁶² A. F. de Ataíde e MELO, *Inventário dos Códices Alcobacenses*, Lisboa, 1930, 363 - 365 (Cod. Alcob., CCLXI / 387)

⁶³ O texto em causa parece ser, total ou parcialmente, o seguinte - e dizemos parece, porque nem sempre a identificação do editor está exactamente colocada - : "Si aliquando de probis hominibus laudabilis sermo fuit, objiciebam falsas maculas et occultos eorum defectus propalabam, atque in levissimis, quasi de graviori crimine apud alios eos accusabam"(V, 34).

Nunc ergo quid agam? quo me in tantis periculis vertam? Spes adolescentiae meae corruerunt omnes et factus sum naufrago simillimus, qui mercibus amissis, nudus enatat, jactatus vento et pelago.

Elongatus sum a portu et viam salutis non apprehendo, sed raptor sinistrorsum.

Retia mihi disposuit hostis, quocumque ibam, et pedibus meis laqueos tetendit: ego autem despexi et innessi securus inter lubrica.

Et in peccatis meis blanditus sum, credidi iuventutem mortis lege non teneri. III, 14-15

Et dixi insipiens in corde meo: Quid ante medium de extremis cogitas? longa tibi restat dies; converti poteris cum voles. III, 16

Sic inveteravi in peccatis et consuetudo pessima versa est in naturam.

Jamque velut peccati mancipium, catenatus illi servio III, 16

Vetustum jugum a me excutere aliquando tentavi, sed non valeo, quia inhaeret ossibus. O si tandem excidat a collo meo ut te diligam vel sero! excidet quidem, si tu iusseris, Domine, et auxilium mihi miseris ex alto.

Non merui, fateor. III, 17

Noctes meae in moerore transierunt, et terroribus me agitant innumeris. Conscientia concutit insomnem... IV, 19

* Nunc igitur quid agam? Quo me in tantis periculis vertam? Spes adolescentie mee corruerunt omnes.

* Et factus sum naufrago simillimus, qui, mercibus amissis, nudus enatat, iactatus ventis et pelago.

* Elongatus ego sum a portu, et viam salutis non apprehendo, sed raptor sinistrorsum. I, 5-9

* Retia michi disposuit hostis, quacumque ibam; et pedibus meis laqueos tetendit.

* Ego autem despexi, et innessi securus inter lubrica, et in peccatis michi blanditus sum.

III, 11

* Credidi iuventutis decus non aberrare. I, 18-20

* Et dixi mecum: "quid ante medium de extremis cogitas. I, 21

*converti poteris cum voles". I, 22

* Inveteravi inter omnes inimicos meos Ps. 6, 8

* Nunc consuetudo pessima suum vindicat mancipium et vincit manus frustra reluctanti. I, 23

* Sepe fugam retentavi, et vetustum iugum excutere meditatus sum; sed inheret ossibus. I, 12

* O si tandem excidat a collo meo! Excidet confestim, si tu iusseris, Altissime. I, 13

* Moriar in peccatis meis, nisi auxilium michi veniat ex alto. I, 25

* Non merui, fateor. I, 26

* Noctes mee in merore transeunt, et terroribus agitant innumeris; conscientia concutit insomnem. V,

1

Somnus meus variis illusionibus turbatur, non mihi quietem afferens, sed laborem. IV, 19-2

Dies meos in vanitatibus prodegi.

Consumpserunt me curae immortales et insensatis cogitationibus... IV, 21

Somnia mihi multoties fingebam et gaudebam: evanuique delusus in vanitatibus et deliramentis meis. IV, 21

Tu ergo, Domine, qui omnes miserias meas nosti. V, 40

Refugium meum longe est a me. VI, 45

Intus et foris mihi ipsi sum molestus.

Et utrobique hostes domesticos invenio, qui me pessundant. VI, 45-46

In corpore meo et in membris meis exige quidquid velis... III, 49

Reduc me in vias tuas ante solis occasum; advesperascit enim.

Et coge me ire ad te, si vocare parum est. Coge ut libet, modo vadam et non peream. VI, 49

Miserere meis Deus, quoniam tribulor et inenarrabilibus urgeor miseriis. VII, 56

* Somnus meus illusionibus variis turbatur, non michi quietem afferens, sed laborem. V, 2

* Dies meos in amaritudinibus exegi, consumpserunt me cure immortales, et anime mee litigio exasperatus sum. V, 4

* Somnia michi fingebam, et gaudebam; nunc delusus expergiscor cum lacrimis. VII, 4

* ... Quoniam tu solus omnes miserias meas nosti. III, 12

* ... et refugium meum longe est. I, 24

* Intus et extra michi ipse sum molestus, utrobique hostes domesticos inveni, qui me pessunderunt. V, 6

Reliquum in hac vita, et in his membris exige, priusquam veniat tempus egestatis. III, 9

Reduc me in vias tuas ante solis occasum; advesperascit enim et nox est amica predonibus. III, 10

Coge me ad te, si vocare parum est; denique ut libet, modo ne peream.

* Et adhuc exurgere non valui; sed inenarrabilibus urgeor miseriis. VII, 20

Como se pôde verificar em relação ao texto bíblico e, em menor medida, às *Confissões* do bispo de Hipona, também em relação aos *Psalmi Poenitenciales* os aproveitamentos textuais não obedecem apenas a essa elaboração quase linear, entendamos, um aproveitamento quase literal, da fonte em causa. Se, por vezes, ainda que raramente, como nos teremos apercebido por algum dos exemplos anteriores, os *Psalmi Confessionales* seleccionam do texto globalmente seleccionado - releve-se-nos a aparente tautologia - apenas um membro de um versículo a que juntam antes ou

depois um versículo (ou parte) de um salmo ou de outro texto bíblico, por uma única vez - se não erramos -, procedem de uma forma mais complexa.

Partindo do texto do salmo de Francisco Petrarca, identificam a sua fonte bíblica e, seleccionando-a, aproveitam-na para substituir uma parte do texto de Petrarca e seguem com o restante do texto do salmo penitencial em causa.

Aut quo consilio vel
fortitudine rebellare
disponis? super quem
habes fiduciam, quia
recessisti a me?

Ecce confidis super
baculum arundineum
et concontractum istum.
Isa., 36, 5-6

Incubui in baculum
meum et dixi: "Ecce
perferam, nec
succumbam".

Non respexi ad
orientem, nec unde
debueram auxilium
exspectavi; nec sicut
dignum fuerat, speravi.

Propterea
firmamentum cui
innixus eram me
destituit repente, et ego
pronus in terram sum
prostratus.

Agnovi cadens quam
debiliter stetissem. *Ps.*
Pen. VI, 3-6

Supra fragile et
fallibile fundamentum
innixus sum, et baculo
arundineo atque
concontracto incubui.

Et dum in eo confisus
puravi me firmiter
stare, cecidi in ignem
et agnovi cadens quam
debiliter stetissem. *Ps.*
Conf., V, 37

Independentemente da técnica da sua elaboração, esta longa apresentação dos empréstimos evidentes tornará sempre possível perguntarmo-nos se, para além do texto já referido assinalado por alguns editores franceses e que não lográmos identificar, não deveremos aceitar que outras passagens dos *Psalmi Confessionales* dependam, mesmo que de uma forma apenas inspirativa, dos salmos de Petrarca. Por exemplo: a enumeração precisa que dos seus pecados faz o autor português nos salmos IV (pág. 22-23) e V (pág. 33-38) não terá recebido a sua inspiração da enumeração que Petrarca faz dos seus e das circunstâncias deles no salmo VII? É bem possível. Como, aliás, será altamente provável que aos *Psalmi Poenitentiales* deva o autor dos *Psalmi Confessionales* não só a sua técnica dessa prosa rítmica em que os escreveu⁶⁴, mas também, como poderá sugerir

⁶⁴ Pietro P. GEROSA, *Umanesimo Cristiano del Petrarca. Influenza Agostiniana. Attinenze Medievali*, Torino, 1966, 326 - 330.

de o último exemplo de comparação intertextual, muito dessa arte de glosar o texto bíblico que era o fundamento do género.

Neste domínio da investigação das fontes dos *Psalmi Confessionales* seria interessante precisar a obra de S. Bernardo em que, segundo o editor francês, se inspirou o autor português em quatro - breves? - passagens (III, 16; V, 32, 38; VII, 61). Confessaremos que também não fomos capazes de as localizar nas obras do abade de Claraval nem, muito menos, como parecia mais provável, nas difundidíssimas *Meditationes Devotissimae* que correram sob o seu nome?

Teremos identificado todas as fontes e, destas, todos os débitos? Não temos, evidentemente, tal pretensão, já que, independentemente de situações como a que ficou aludida a propósito de S. Bernardo, ocasiões houve em que pensámos ter lido algures (de novo, Petrarca, mas agora com o *Secretum*...., Santo Agostinho...) determinadas passagens dos *Psalmi Confessionales* e verificarmos, depois, que "assim" tais passagens não remetem para essas obras... Neste momento apenas podemos pretender exemplificar, o mais largamente possível, o tipo de fontes e de aproveitamentos. E cremos, por isso, não se impunha patentear aqui tudo o que os *Psalmi Confessionales* devem ou poderão dever, literal ou inspirativamente, ao texto bíblico. Como referimos, só uma investigação mais demorada, com vista a uma edição anotada do texto do autor português, poderá vir a esclarecer algumas das fontes não identificadas e a permitir, em forma mais cómoda, a sua exposição pormenorizada e mais completa.

De qualquer modo, atrevemo-nos a esperar terá ficado não só patente que o texto da *Sagrada Escritura* atravessa os *Psalmi Confessionales* - o que já Barbosa Machado tinha visto, sem, talvez, saber nada das leis dos "salmos" como género literário -, mas também sugerido o como o profundo conhecimento do texto sacro foi posto ao serviço de uma técnica "salmódica" que lhe permitia utilizar as fontes com independência dos seus sentidos originários e originais e, deste modo, construir um texto único e "unido", quer dizer, antes de mais, coerente, frequentemente reiterativo, tal como o seu modelo bíblico. E, como teremos, igualmente, verificado, se tal trabalho foi altamente facilitado pelo sábio recurso a outros textos estreitamente relacionados ou mesmo dependentes da sua fonte principal - a *Sagrada Escritura* -, essa construção harmónica - um quase sempre elegante "encastamento" textual - só foi possível pelo rigoroso domínio dessas afinidades intertextuais.

É essa "unidade" textual que faz com que a "confissão" assim construída possa, coerentemente, ler-se como a confissão de um pecador,

que, neste caso, pasava por ser esse que foi "rei dos Açores, prior de Portugal". O século XVI, como sabemos, apreciou este tipo de construção textual, tendo-a elevado, alguma vez, a um nível de coerência que não apenas estético tal, que a sarta se tornou uma autobiografia "real" de um pobre *lazarillo*... É esta "unidade" do texto-confissão, assente, naturalmente, em constantes e indeléveis marcas "autobiográficas", que nos permite, conseqüentemente, abordar a unidade do eu pecador - o penitente - que se confessa...

Poderemos, então, perguntarmo-nos, agora, como termo provisório desta investigação sobre as fontes da obra do autor português, se a utilização das *Confissões* agostinianas em confluência com os *Psalmi Poenitenciales* de Petrarca como textos perfeitamente aglutináveis, dadas as suas afinidades, ao texto bíblico, não terá mesmo ditado o título do texto que nos ocupa - *Psalmi Confessionales*... É uma hipótese que, para além de permitir assinalar o assunto organizador da obra - a confissão de um penitente -, aludiria a todo esse trabalho literário a que procedeu o seu autor para a construir.

IV - Parece será fácil aceitar-se que, em rigor, os *Psalmi Confessionales* não são a confissão que o penitente - António, Prior do Crato, rei de Portugal no exílio - fez ou fará ao seu confessor... , mas, sim, um longo solilóquio tradutor do que poderia dizer-se o exâme da sua consciência... destinado a preparar, recordando-os, essa confissão secreta dos seus pecados... que, pela sua amplidão - abarca toda uma vida - poderíamos aproximar (não identificar, por razões óbvias) à que costuma dizer-se a "confissão geral"⁶⁵. Seguindo, até certo ponto, as sugestões do primeiro editor da obra - sugestões que, como sabemos, se mantiveram nas edições seguintes - e o que D. João de Castro, por entre protestos, nos conta sobre a origem da mesma obra, podemos igualmente aceitar que, aqui, esse exâme se destina a preparar essa "última" confissão do penitente. A doença grave sempre foi considerada um momento forte para essa profunda recapitulação das faltas de toda uma existência... Desde esta perspectiva, os *Psalmi Confessionales* apresentam-se, conseqüentemente, como uma preparação para a morte ou, como diz, com precisão, a tradução portuguesa, como *industrias para bem morrer*... Só tendo presentes esses esclarecimentos editoriais e históricos ganham algum relevo as parcas referências do texto

⁶⁵ Utilizamos a expressão não no sentido técnico da confissão generalis, mas, sim, no de uma confissão que pretende abarcar todas as faltas de um determinado período ou de toda uma vida. Conf., AA. VV., *Pratiques de la Confession. Des Pères du Désert à Vatican II. Quinze Études d'Histoire*, Paris, 1983

que podem fazer dele esse exâme de consciência de alguém que vai morrer⁶⁶.

Com efeito, só partindo dessas referências externas poderão - ou poderiam... - cobrar esse sentido preciso declarações como estas: "Circumdant me dolores mortis"..., "multis replear doloribus exterius"... ou, até, alguma alusão a alguns sofrimentos naturais devidos à idade do penitente: "senectutis dolores exterior"⁶⁷... "puerilia adhuc senex facio"⁶⁸... De outra maneira, tais declarações - e não encontraremos muitas mais do mesmo género ao longo da obra - teriam que ler-se apenas como a expressão hiperbólica da angústia..., do sofrimento natural de um penitente, tal como o eram do salmista de quem as copia⁶⁹. Com essa alguma violência biografizante imposta desde sempre ao texto, aceitemo-las, no entanto, aqui, como expressão das circunstâncias em que, à beira da morte, preparou a sua última confissão o príncipe português. E recordemos ainda que essas circunstâncias, que em nada diminuem - antes bem ao contrário - o dramatismo com que também as proferia o salmista, vêm referidas logo no início do primeiro dos *Psalms Confessionales*, o que poderá ser outro modo de fazer aceitar, de uma vez por todas, que esse solilóquio que brota da análise da sua consciência delas depende. Íntima e radicalmente. Dramaticamente também.

É com estes pressupostos que teremos que ler - ou, se preferirmos, poderíamos ler - esses "salmos", melhor talvez, essas confissões em que o penitente se revela extremamente seguro e preciso nos factos - os seus pecados -, mas impreciso nos tempos... Estes são reduzidos aos grandes momentos de qualquer existência: a infância..., a adolescência..., a juventude..., a maturidade e a velhice.... É o seu modo de globalizar a sua vida, de garantir a si próprio que nenhum momento dela é esquecido, o que, naturalmente, equivale a procurar não esquecer qualquer falta. Será ainda um modo mais de manifestar a sua confusão interior... Mais do que a lição do salmista, é a lição das *Confissões* que se confirma. É, cremos, esta mesma

⁶⁶ Neste contexto seria sempre interessante proceder a um levantamento da preparação imediata para a morte que praticaram reis..., príncipes..., grandes senhores..., grandes damas.... Recordemos, a título de mero exemplo, que a preparação para morte que quis praticar *Il Magnifico* Lorenzo de' Medici mereceu as honras de um carta circunstaciada de Angelo Poliziano a G. Antiquario em 18. 5. 1492. Aí se recorda que o grande senhor florentino se confessou de todos os pecados cometidos durante a vida... e o confessor terá, depois, manifestado que nada lhe tinha causado tanta admiração como o modo como Lorenzo, preparando-se com toda a serenidade para morrer, tinha repassado toda a sua vida. A carta referida pode ler-se, por exemplo, in Angelo POLIZIANO, *Estancias. Orfeo y otros Escritos* (ed. bilingue de F. Fernández Murga), Madrid, 1984, 221

⁶⁷ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., I, 2, 3, respectivamente.

⁶⁸ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., II, 9

⁶⁹ *Ps. 114, 3; Ps. 87, 16*, respectivamente.

lição que enforma o processo de análise interior a que procede o penitente. Com efeito, se o penitente sabe e confessa que desde sempre foi um pecador, as suas faltas não assomam ao horizonte da sua consciência em simultâneo, mas, mediante um lento processo, vão assomando, por vagas de faltas relacionáveis entre si, à medida que o eu-pecador, aprofundando na auto-análise, se vai decompondo e, talvez melhor que destruindo, desconstruindo.... Daqui resultará que em quase todos os salmos revele novas faltas e, conseqüentemente, tenha de renovar os apelos à misericórdia divina. Por tudo que ficou exposto - não sabemos se claramente exposto - ter-se-á, certamente, entrevisto que todo esse processo depende, quase necessariamente, da memória...: "memoria mea plena spurcitiarum abundantius alias atque alias recolit sordes"⁷⁰... Do domínio do tempo histórico da existência e do domínio do tempo interior que a liberdade enforma. O primeiro parece escapar em larga medida a essa análise e daí, estamos em crer, essa solução globalizante encontrada que ficou já sugerida. O segundo, como também já se aludiu, vai sendo dominado... De qualquer modo, a memória diz sempre respeito ao passado... Do mais remoto ao quase presente em que, recordadas, faltas e suas circunstâncias se tornam presente. É então que podem ser inumeradas..., confessadas.... O presente, se, desde esta perspectiva, tem sentido falar de um presente, não parece ser motivo de qualquer análise... Sou o que fui... É isso que, agora, constatando-o, choro.

É precisamente essa auto-biografia interior que deverá servir de eixo à análise - à nossa análise - dessa preparação para a última confissão do príncipe português. E teremos de seguir essa lenta auto-análise que se vai "transcrevendo" nesses sete "salmos" que são, assim, como que sete momentos ou etapas desse processo analítico. Verdadeiramente, um processo de conversão.

É o sofrimento físico..., são as *dolores mortis*... - aqui, como referimos, poderemos pensar nesse "comprido tempo da doença" que desembocou na morte de D. António - que despertam o pecador.... Deus *aflige*..., *flagela*... *ut salves animam*..., *ut sanes*⁷¹.... E esse despertar para a saúde da sua alma tem de começar, precisamente, pelo exâme dos "antiquos dies ac juveniles annos"⁷²... e, depois, de toda a vida. É um exâme penoso: "In hac meditatione mea defecit spiritus meus"⁷³... Verifica, depois de passar em rápida revista esses tempos, que "jandiu vocas et adhuc non audio;

⁷⁰ *Les Pseaumes Latins*..., ed.cit. V, 32

⁷¹ *Les Pseaumes Latins*..., ed. cit., I, 4

⁷² *Les Pseaumes Latins*..., ed. cit., I, 1 - 2

⁷³ *Les Pseaumes Latins*..., ed. cit., I, 2

jamdiu pulsas et cordis mei pessulum nondum aperio"⁷⁴. Então, "quis dabit capiti meo aquam et oculis meis fontem lacrymarum ut moerore congruo animae meae damna deplorare sufficiam?"⁷⁵ Se, no entanto, esse profundo sofrimento - um sofrimento físico que não tem porque excluir um sofrimento moral - desperta o pecador, a sua dor e a sua confusão - "quid faciam, Domine?"⁷⁶ - aumentam - vê-se "confusus, territus ac tremens" - ao ter de encarar o juízo de Deus na hora da morte: "aut quo ibo cum novissimum tempus meum venerit? Ubi abscondar a vultu irae tuae aut quo a facie tua fugiam cum clamaveris me ad iudicium?"⁷⁷. Os primeiros momentos da meditação na história do seu coração, parecem depender, de um agudo sentido da justiça de Deus: "Justus es enim, Domine, et rectum iudicium tuum, reddisque unicuique juxta opera sua"⁷⁸.

E essa meditação na sua existência, concretizando-se um pouco mais, revela-lhe, imediatamente, que "si aliquando tecum vixi, vix memini"⁷⁹... Com efeito, como Santo Agostinho a quem, como sabemos já, está seguindo, tem de reconhecer que "infans iniquitates colui, et pueritiam in qua purus esse debui, impurus egi"..., "aetatem imbecillem obliviosam ac lascivam rapiebat voluptas perfida ac dolosa per abrupta cupiditatis"..., "dies adolescentiae meae malae et nefandae transierant et pergebam in juventutem"..., "attigi virum, sed viguit in me vitium semper pro virtute"..., "seni et incanui nec ambulavi in viis tuis"⁸⁰... E, como o salmista, "inveteravi in peccatis"⁸¹... Por isso, pode perguntar: "Ubi ergo aliquando innocens fui"⁸²? Passemos essa primeira e longa enumeração das suas faltas que daqui procede... - "cum operantibus iniquitates communicabam et cum electis eorum convivabar"..., "gloriabam in malitia"..., "loquentes vero mihi placentia amplexabar"..., "studui in commentis ac mendaciis"..., etc.⁸³, - É a descrição, melhor a "enumeração" - "series vitae meae" - da sua vida a modos do salmista: "Vitam meam annunciavi tibi" (*Ps. 55,8-9*)⁸⁴, ainda que seja possível pensar que insiste, sobretudo, nos pecados da sua já longínqua juventude... Só resta, então, pedir que Deus esqueça as desordens da juventude - "delicta juventutis meae" -..., lembrar-lhe que, se é "diligens

⁷⁴ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., I, 2

⁷⁵ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., I, 1

⁷⁶ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., II, 5

⁷⁷ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., II, 6

⁷⁸ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., II, 10

⁷⁹ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., II, 7

⁸⁰ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., II, 8 - 9

⁸¹ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 16

⁸² *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., II, 10

⁸³ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., II, 10 - 12

⁸⁴ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., II, 12

judicium", deve fazer "mecum judicium, sed non facias justitiam"... quer dizer, "judica me secundum diligentium nomen tuum"... E lembrando que, apesar de pecador, "servus tamen tuus sum et filius ancillae tuae"... um "tribulatus servus", pede a Deus "misericordiae tuae recorderis, ut non in aeternum irascaris mihi"⁸⁵...

Se até aqui recordou os seus pecados num quadro cronológico amplo - essa humana, mas vaga sequência de idades -, agora meditará nos caminhos que percorreu.... Tem de reconhecer, como Petrarca nos seus salmos, que "iter rectum sponte deservi"⁸⁶..., e se se prepara para regressar ao caminho direito que conduz a Deus - aos caminhos de Deus -, fá-lo "sicut ovis renuens pastorem suum per loca arida et inaquosa"⁸⁷... Ovelha perdida - a matriz bíblica conjuga-se com a petrarquista -, o penitente, reiteradamente, confessa que "aspera et inaccessa penetravi"... que "in via iniquitatis et perditionis lassatus sum"... e, mais ainda, que "ambulavi in vias difficiles"⁸⁸... Por toda a parte encontrou apenas "tribulatio et angustiae" e "quaerens requiem, non inveniens"⁸⁹.... É natural, porque esses caminhos atravessavam "terra sterili"... Viveu até este momento "in regione mortis"⁹⁰....

Este itinerário é, como já deixou aludido, também um itinerário de desengano... Com efeito, tal como esse Petrarca a quem continua a seguir, "in peccatis meis blanditus sum, credidi juventutem mortis lege non teneri"⁹¹... Por este engano, entregou-se aos "turpia carnis meae desideria"... Mais ainda: quis pensar que "longa tibi restat dies"⁹²... Para que converter-se aos caminhos de Deus, se "converti poteris cum voles"? Naturalmente envelheceu e "consuetudo pessima versa est in naturam"⁹³... Compreende-se que "vetustum jugum a me excutere aliquando tentavi, sed non valeo, quia inhaeret ossibus"⁹⁴..., quase como consequência, "odivi animam meam"... e - resumamos - "infelicem animam meam propriis manibus laceravit et exulceravit"⁹⁵... Agora vê-se "naufrago simillimus, qui mercibus amissis,

⁸⁵ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., II, 12 - 13

⁸⁶ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 13

⁸⁷ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 14

⁸⁸ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 14

⁸⁹ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 14

⁹⁰ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 14

⁹¹ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 15

⁹² *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 16

⁹³ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 16

⁹⁴ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 17

⁹⁵ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 17

nudus enanatus, jactatus vento et pelago"..., já que, além do mais, "spes adolescentiae meae corruerunt omnes"⁹⁶...

"Nunc ergo quid agam?" Só lhe resta continuar a pedir misericórdia. Deus que dá bens temporais a indignos pecadores, mesmo quando eles lhes não pedem, "quomodo spiritualia petentibus denegabis?"⁹⁷. É com esta confiança que pede não só "miserere ergo mei Deus et imple petitionem pauperis, qui dives es in misericordia ac soles in hilaritate misereri et purgas voluntatem a consuetudine mala et exaudis gemitus competitorum et solvis a vinculis" - notemos o resumo de todas as suas faltas - , mas também, mais precisamente, "operi manuum tuarum porrigere dexteram, ut non, cum cecidero, collidar et collisus detrahar in profundum lacum in quo non est aqua"⁹⁸...

Estes os tempos, estas as vias... Considerá-las, como tem feito o príncipe-penitente, isto é, tomar consciência da sua gravidade, causa essa angústia a que se tem referido e também, conseqüentemente, é motivo de inquietação... Desde a abertura do *Psalmus IV* que, ainda inspirado em Petrarca, o declara, anotando que por essa consciência do pecado "noctes meae in moerore transierunt et terroribus me agitant"... E, particularizando um pouco mais, confessa que "somnia mea variis illusionibus turbatur"... e que o repouso, nessas circunstâncias, é outro suplício⁹⁹..., isto é, de acordo com a feliz tradução de Fr. Jorge de Carvalho em 1653, uma "quietação desinquieta"... Dá-se conta de que uma viragem interior se está consumando... Os gostos antigos - e de sempre - pelas iguarias..., pela bebida..., pelos luxos..., pelas conversações frívolas..., estão a desaparecer..., já que "abominabilis factus est animae meae cibus ante desiderabilis"..., "potus meus cum flectu miscetur..."¹⁰⁰. Por outro lado, mas no mesmo sentido, nota que "consumpserunt me curae immortales et insensatis cogitationibus"... e que "somnia mihi multoties fingebam et gaudebam"..., "optabam impossibilia..."¹⁰¹. No entanto, desses cuidados e desses pensamentos inúteis, dessas imaginações apenas recolheu desilusões..., perda de tempo..., mortificações... Tal constatação - que poderá marcar o começo da sua verdadeira *convertio* - não o impede de continuar a aprofundar nos inumeráveis modos por que ofendeu a Deus e, assim, verifica "temere jactavi verba mea et in jactantia sapientiam esse existimavi"..., "infestus fui sociis meis et multis saepe iratus, absque causa, contumelias

⁹⁶ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 15

⁹⁷ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 17 - 18

⁹⁸ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 18

⁹⁹ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., IV, 19 - 20

¹⁰⁰ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., IV, 19 - 20

¹⁰¹ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., IV, 21

irrogavi"..., "servis atque familiaribus meis, immo et mihimet indignatus maledixi"..., "amicis meis cum ludibrio exprobravi"..., "aspiravi libenter ad injurias et vindictas"..., "consiliarios prurientes auribus placido aspiciebam vultu"..., "debitum mihi mutantibus non solvi"..., "impatiens veritatem audivi, et in furore sapientibus respondi"..., "vanitati auris et lingua mea serviebant, dum per illam impinguabat caput meum oleum peccatoris et per hanc saepe supplevi quod in laudibus meis alii minus fecisse videbantur"... etc., etc.¹⁰². Estes são alguns da que talvez seja a sua mais longa inumeração dos seus pecados... e aquela em que surgem muitos que se poderiam dizer mais próprios de um grande senhor ou príncipe... A vaidade..., a ira para com criados e familiares..., a irritação perante a verdade..., o grande amor à lisonja..., as dívidas por pagar... poderiam indiciá-lo... e seria mesmo possível, com os riscos inerentes a tais processos interpretativos, correr a tentação de biografizar essas referências¹⁰³... Se, então, com palavras pedidas a Santo Agostinho, "in omni denique genere deliciarum saeculi, a deliciis domus tuae longe lateque exulavi", agora "ad mortem festino, eamque cum festinatione quoque venientem ad me

102 *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., IV, 22 - 26

103 D. João de CASTRO, *Tratado dos Portugueses de Venezuela...*, Ms. cit., fol. 289r escreve: "Não lhe sei nenhvas sentenças, ou dítos, nem feytos e actos que o possam honrrar. Nam valiam com elle homens cavaleiros de honra, de verdade e de primor, se não gente ao revés e chocarreiros, truanes, falladores e de manhas celestinas..." Um retrato de formas um tanto esperpênticas que deveríamos saber situar melhor, o que nos parece ser, por agora, muito difícil, se não impossível, em virtude da falta de conhecimento que envolve D. António, nomeadamente dos últimos tempos, para alguém ou para além do resistente e da "política" que conleva. Pedro de FRIAS, *Crónica del-Rei D. António...*, ed. cit., como já tivemos ocasião de aludir indirectamente, sugere as fáceis parcialidades do príncipe (93, 122)..., a relativa facilidade com que acolhia "mexericos e novas" (122)..., uma (certa?) indiscrição que, algumas vezes, o fazia "levar ao cabo" "couzas que trazem consigo escamaldo" e, por isso, a não "sabelas dissimular, e curar confosme o tempo e estado em que se achão" (93)..., as suas "paixões", quer dizer, cóleras (122), etc., aspectos que podem confortar, ainda que a uma luz menos crua, o perfil por que o retrata D. João de Castro. As angústias, peripécias e subterfúgios, nem sempre de grande escrúpulo, em Inglaterra, à volta do resgate dos seus diamantes penhorados - quase o único meio de que, realmente, dispunha para obter alguns recursos mais vultosos - também poderia ser considerado a esta luz e o mesmo se diga do estratagema para não pagar uma sua estadia em Tours (Conf. J. Veríssimo Serrão, *O Reinado de D. António...*, ed. cit., 312 - 313; 419). O rol das suas dívidas, de dinheiro e gratidão, parece ser, contudo, um documento que demonstra tanto a sua pobreza - bem patente também no inventário dos bens que deixou - como os seus desejos sinceros de manifestar-se obrigado a todos os que o seguiram, gratidão só comparável aos fantásticos meios que manda nos seus testamentos para serem liquidadas as suas enormes obrigações. Mas, bem feitas as contas, de paixões..., de parcialidades e favoritismos..., de impagamento ou demora de pagamentos..., de não recompensa de serviços..., de bons ouvidos para lisongeiros, etc. não se encontram abundantes exemplos em crónicas de príncipes e senhores e contra tudo isso não previnem constantemente moralistas..., pregadores..., tratadistas *de rege e de re aulica*..., etc.? De qualquer modo, será sempre interessante verificar o retrato de perfil extremamente favorável que de D. António traça P. DURAND-LAPIE, *Dom Antoine...*, ed. cit. 100

video"¹⁰⁴... É a consciência deste jogo, um jogo em que o penitente e a morte correm um para o outro - uma consciência que, como vimos, não existia na sua juventude - que o leva a suplicar "cito anticipent me misericordiae tuae, Domine, priusquam veniat illa dies terribilis calamitatis et miseriae, dies magna et amara valde"¹⁰⁵... Em consequência dessa urgência, sublinhando-a, pergunta em um dos raros momentos de explícita afirmação de fé cristocêntrica: "quis poterit sanare infirmitatem meam, nisi qui propter homines et propter humanam salutem descendit de coelis"?¹⁰⁶ Aliás, argumenta ainda o príncipe- penitente, "sufficit enim velle sanare, ut sanes, velle vivere ut vitam praestes" ou, melhor talvez, recorda " in benedictione dulcedinis tuae praevenis desiderium peccatoris seipsum cognoscentis"... Quer ser salvo..., reconhece-se pecador - "procul enim a te recesseram et elongavi"... - e para isso e por isso "jam iniquitates meas pono in conspectu tuo, Deus meus, ut cures et sanes animam meam, quia peccavi tibi"¹⁰⁷...

E como argumento final, aprendido directamente nos salmos do Profeta, exclama recordando, nesse tom algo desafiante que confere a confiança, "non enim mortui laudabunt te, Domine, sed nos qui vivimus, benedicimus Domino et confitemur ei, quoniam bonus, quoniam in saeculum misericordia eius"¹⁰⁸...

O penitente patenteia os seus sofrimentos para que Deus o cure..., mas descobre as suas *misérias* para que Deus, misericordiosamente, as encubra: "detego ut tegas ac protegas, revelo ut abscondas"¹⁰⁹... E, afirmando-se nesse processo de *convertio* que ficou referido, oferece, pedindo humildemente a Deus que o aceite, "humiliatumque contritum spiritum"¹¹⁰... Como prova desse coração contrito - "oblationem sacrificii omnium gratissimi" - reitera, hiperbolicamente, como Manassés, que "peccavi enim super numerum arenae maris et si mihi centum sint linguae, oraue centum, vix a mille millibus unum referam"¹¹¹... Neste momento, apesar de declarar que a memória sempre lhe está apresentando novas *misérias*, esse aprofundar no seu eu não é apenas - entendamos, sobretudo - uma questão desse domínio dos tempos - interior e exterior - que, como referimos inicialmente, está na base da preparação para a confissão. Agora,

¹⁰⁴ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., IV, 26

¹⁰⁵ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., IV, 276

¹⁰⁶ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., IV, 28

¹⁰⁷ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., IV, 29 - 30

¹⁰⁸ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., IV, 30

¹⁰⁹ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., V, 31

¹¹⁰ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., V, 31

¹¹¹ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., V, 32

"id tamen dolorem meum auget quod omnes transactas foeditates meas et carnales corruptiones animae meae reminisci non possum"¹¹², vem ditada - essa grande dor - pelo reconhecimento humilde do pecado que está sempre presente na sua vida e que, por isso, apenas confessará aquelas de que se recorda para que - não interessa que o diga com palavras de Santo Agostinho - Deus - "dulcedo non fallax, dulcedo amabilis, dulcedo felix et secura" - "ut recolenti vias meas nequissimas in amaritudine recogitationis meae dulcescas mihi"¹¹³... Daqui, como sempre, arranca para uma longa enumeração das suas faltas, enumeração que, mais do que novas, contem o aprofundamento do âmbito de muitas das anteriormente expostas.

Que conclui dessa minuciosa meditação de faltas que, como diz com expressões de Petrarca, Deus conhece - "qui omnes miserias meas nosti" - ? Por outras palavras, o que tinha declarado anteriormente: que abandonara Deus ..., que fugira da sua presença..., isto é, "si aliquando tacum vixi, vixi memini"... Agora, porém, como que anotando, com mais precisão, a outra face desse abandono, que "sine te ad lectum accessi, sine te in lecto cubui, sine te a lectu surrexi, sine te illuxi dies, sine te tota pertransiit"... Um pouco mais radicalmente: "sine te semper fui, quia mecum semper fui"¹¹⁴. Por isso, "si forte tamen veniebas mihi aliquando in mentem et mirabilia opera tua considerare incipiebam, subito farcina saeculi (velut somno assolet) dulciter premebat...", o que o levava a adiar, uma vez mais, o "ordenar das coisas que tocavam à sua consciência"¹¹⁵.

Porque a misericórdia divina se manifesta de tantos modos, o príncipe-penitente, dirigindo-se a Deus, recorda-os agora, o que é o mesmo que recordar-lhos. Assim, além de pedir "ne abscondas ergo, Domine, a me faciem tuam, ne despicias me, Deus", "absconde me in sinu benignitate tuae", expõe, confiadamente, as razões do seu pedido: umas derivam, como já o afirmara o salmista bíblico, da própria natureza humana do pecador - "quoniam pauper et inops ego sum nimis"...; outras, da própria natureza de Deus: "longanimis enim es, patiens et multum misericors atque praestabilis super malitia", donde decorre que o pecador possa lembrar a Deus que "oculi autem tui in pauperem respiciunt"... , "nihil tibi magis proprium quam misereri semper et parcere"... e, sobretudo, talvez, "dissimulas peccata hominum propter poenitentiam"¹¹⁶...

Deste modo ganha, aqui, o seu sentido preciso o pedido a que Deus o "converta" - "convertere ego ad me conversum ad te" - , que liberte de

¹¹² *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., V, 31 - 32

¹¹³ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., V, 33

¹¹⁴ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., V, 36

¹¹⁵ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., V, 36

¹¹⁶ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., VI, 40 - 41

todas as angústias a sua alma aflita..., pois só então poderá dizer, parafraseando o Profeta salmista - "anima mea sicut passer erepta est de laqueo venantium" -, "laqueus contritus est et ergo liberatus sum"¹¹⁷.

Entretanto, "quid agam?" A pergunta tem sentido para quem, como o príncipe, teme "nudus apparere" diante de Deus, já que o pecado, o inimigo que o domina - "factus sum in praedam inimici" -, "omnibus me spoliavit bonis quibus tu me, Domine, ornasti"¹¹⁸. A sua alma não está só nua de todos os bens, mas também "denigrata super carbones"¹¹⁹. E ao constatar-lo, o penitente verifica o contraste do seu estado presente com o passado longínquo em que "a facie tua egressus sum et abii vagus post sordes in via corrupta". Então, "dives ac decorus"..., "color optimus"...., hoje esfarrapado e negro. E assim, "in imagine in qua tu, Domine, creasti me, tibi jam non cognitus sum"... E Deus como "quasi scabiosam ovem, inter pascuae tuae, me commemorari permitas"? Mas, pobre, nú, negro pelos pecados, atreve a apresentar-se diante de Deus, já que "in cuius conspectu coeli non sunt mundi"¹²⁰. E, tal como antes se comparou à ovelha perdida que regressa ao rebanho, recorda-se agora da bondade com que o filho pródigo foi acolhido na casa de seu pai. Também ele vagara "in longinquam regionem" e, como ele, espera o penitente "paterna tamen benignitate tua fretus". De outro modo, "in misera servitute mori compellor"... Com efeito, - e di-lo com um versículo dos *Psalmi Penitentiales* de Petrarca - "refugium meum longe est a me"... "nisi tu, Domine, de coelo prospiciens opem feras"¹²¹.

E, ainda com palavras de Petrarca, retomando, mais genericamente, - também mais dramaticamente - o que já antes afirmara do seu "desgosto" do mundo - banquetes..., luxos... - e da falta de auxílios humanos, confessa "intus et foris mihi ipsi sum molestus" e, talvez pior, "utrobique hostes domesticos invenio qui me pessundant"..., "neminem cui me tuto credam, video"..., "amicum fidelem non reperio"... "consolantem me quaesivi in afflictionibus et calamitatibus meis e non fuit qui me consolaretur ex omnibus caris meis"¹²²... E tudo isto, conclui sublinhando algo que já tinha percebido antes, porque "servivi creaturae potius quam Creatori et in rebus corruptibilibus me atque caeteras voluptates meas exquisivi"¹²³. Como sempre - e di-lo através de uma verdadeira teia intertextual bíblica de

117 *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., V, 42

118 *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., VI, 43

119 *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., VI, 43

120 *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., VI, 44

121 *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., VI, 45

122 *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., VI, 45 - 46

123 *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., VI, 47

versículos de salmos, do *Ecclesiastes...*, do *Ecclesiasticus...*, do *Novo Testamento*, etc. - esperança reside em Deus a quem com premência se dirige : "excita me in peccatis dormientem et illumina oculos meos, ne unquam obdormiam in morte. Illumina, accende et erige eos ad te, ut in lumine tuo videant te lumen aeternum, lumen indeficiens et inextinguibile, lumen dulce et delectabile"... Teremos, certamente, notado que neste momento o penitente pede a Deus que lhe permita vê-lo, enquanto anteriormente sempre pedia que Deus o visse a ele para dele se compadecer... É um movimento de conversão importante, porque esboço de um momento unitivo mais profundo. E, se não violentássemos o texto emprestando-lhe notas misticizantes com que, talvez, não sonhou sequer o seu autor, poderia mesmo sugerir-se que consequência desse movimento talvez seja essa entrega - porque não a dizer abandono? - que, ainda com palavras de Petrarca, faz do seu corpo e dos eus membros a Deus para que Deus deles faça o que lhe aprouver: "In corpore meo et in membris meis exige quidquid vellis: induatur caro mea putritudine et consumatur vermibus"... Foi a imitação de Job que "condicionou" a profundidade desse abandono não lhe permitindo dar esse passo de abandono total ao querer de Deus que, por esses dias, já corria em prosa e em verso e se via como que consagrado nesse célebre soneto atribuído a autores ilustres como Teresa de Ávila ou Francisco de Borgia? A questão quase não tem sentido aqui. Job, com a sua fidelidade, representa, apesar de toda a sua excepcionalidade, um modelo mais "humano". E, por isso, o penitente português preferiu aplicar-se - e já era muito - o relato dos limites impostos por Deus à tentação de Job e, deste modo, pedir: " Domine, tantum parce animae meae et in eam non extendas manum tuam" ¹²⁴.

Daí a urgência desse encontro mais estreito entre a alma penitente e Deus: "Reduc me in vias tuas ante solis occasum, advesperascit enim". Tornou a dizê-lo com palavras de Petrarca? Não importa, como não importa que volte a servir-se dos *Psalms Penitentiales* para mostrar-se disposto a que essa urgência possa revestir-se de violência: "Et coge me ire ad te, si vocare parum est. Coge ut libet, modo vadam et non peream" ¹²⁵.

É tarde para encontrar Deus? O príncipe-penitente confessa, efectivamente, que "sero nimis ad te venio"... , mas também confessa saber com segurança - "scio et certus sum" - que " venientibus tempus non praescribis, modo veniam, nec minus benigne recipis novissimos quam primos"... E a esta certeza que leu no Evangelho (*Mat. 20, 1- 16*) , junta, evocando-os, outros exemplos da mesma fonte que o confirmam nesse saber

¹²⁴ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., VI, 49

¹²⁵ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., VI, 49

Agora, o penitente agradece o socorro por que em algum momento da sua angústia tinha clamado, utilizando, precisamente, as mesmas palavras - e as mesmas imagens - de que, então, se servira¹³². É o caminho que vai da angústia à gratidão. Não lhe resta mais que pedir "pone itaque me Domine iusta te" e, conseqüentemente, pois "ante te omne desiderium meum", que [Deus] "dele, et detrahe quod plane alienum es a te" e - continuando a explorar a seqüência verbal do Ps. 50 - "innova, crea, confirma quodcunque dederis in te"¹³³... Esta será, digámo-lo assim, a parte de Deus..., já que "nemo possit desiderare te nisi per te, nec ire ad te nisi tu traxeris eum"... A parte do pecador é, então, pedir - continuar a pedir - : "da mihi incipere in bono desiderio ut illud perficiam atque consummem in bono opere"... Passar do desejos às obras..., movimento que não será difícil aceitar que, também aqui, aponta, antes de mais, à confissão sacramental para que o penitente tem vindo a preparar-se. É, portanto, como que antevendo ou antecipando esse momento que o penitente suplica: "indue me pretiosis vestimentis salutis ac decoris tui"... quer dizer, "ut in te noviter indutus, atque novus homo factus, novo spiritu in novitate vitae, serviam tibi et in fragrantia unguentorum tuorum te currens, gaudeam in Jesu Salvatore meo"¹³⁴.

A preparação acabou..., os salmos acabaram... Depois da confissão, segue-se *Gratiarum actio contriti peccatoris veniam a Deo pro peccatis suis impetrantis*. É uma oração em que, como terá deixado perceber a comparação textual que apresentámos a propósito das fontes dos *Psalmi Confessionales*, continuando a recorrer abundantemente a Santo Agostinho, o penitente, recordando que "ad inferos ibam recta, portans omnia scelera mala" que repassa, uma vez mais, mas agora rapidamente, declara: "gloriabor in infirmitatibus et afflictionibus meis ut inhabitet in me gratia tua, cui debeo quod tot dimiseris mihi mala et peccata mea tamquam glaciem solveris"... Daqui arranca, com naturalidade comovida, toda uma litania de acção de graças que, por sua vez, culminam em três súplicas agostinianas e agostinianamente formuladas: 1 - "ne deficias in auxiliando mihi, ut neque ego deficiam in confitendo tibi miserationes tuas: sed benignus accipe sacrificium confessionum mearum de manu linguae meae"; 2 - "sub umbra manus tuae protege me et in sinu misericordiae tuae fove me, ne implenum pullum conculcent qui transeunt viam, sed mitte angelum tuum qui eum reponat in nido, ut vivat donec volet tibi que jugiter inhaereat; te assiduis orationibus pulset, te possideat in se..."; 3 - "sicut pullus hirundinis aut columbae gemebundus pro esca ad matrem clamat sic et ego

¹³² *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., III, 18

¹³³ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., VII, 64

¹³⁴ *Les Pseaumes Latins...*, ed. cit., VII, 66

gemens et flens in hac lachrymarum valle, ad te clamo, Deus meus, adjutor meus, in necessitatibus... te commitante ac protegente, ad destinatum persequar ad bravium supernae vocationis Dei in Christo..."¹³⁵.

Como, seguramente, se poderá aceitar, estas petições finais que, confiadamente, retomam, para as sintetisar, tantas outras em que, de outros tantos modos e pontos de vista, se clama pelo favor e misericórdia de Deus, patenteiam, na letra das suas comparações, a profunda fragilidade do pecador... É uma criatura frágil e exposta que necessita de benignidade... e de protecção... Desde sempre, mas, principalmente, desde este momento em que se "converteu" até ao momento em que se encontre com Deus na sua glória. Um momento próximo para esse príncipe gravemente enfermo se, de acordo com indicações editoriais e da difusão da obra tanto como demonstração da "laudabilis mors" do seu "autor" como *ars bene confessandi et bene moriendi*, quisermos continuar a ler os *Psalmi Confessionales* em registo biográfico...

V - Por outro lado, como consequência contextual do itinerário de conversão que acabámos de tentar sugerir, não deixará de ser importante recordar que, talvez, derivado das fontes bíblicas, sobretudo veterotestamentárias, que, de acordo com o género "salmódico" em que versa a sua "confissão", abundantemente utiliza, o seu Deus é sempre um "judex"... e um "Dominus"... Tudo, nessa longa análise do seu coração, depende desta concepção.... A ira e a misericórdia, o virar o rosto e o mostrar a face... Naturalmente, Juiz e Senhor, Deus também é "Creator"... - o criador dessa frágil e inconstante criatura que é o homem - e igualmente o seu "Salvator", condições que, especialmente esta última, o penitente não se cansa de lhe recordar no seu diálogo soliloquiante. Reconhece ainda, decalcando as suas fontes, que o seu Salvador é a "vera lux" que lhe ilumina o caminho..., que é quem, desde sempre, o chama com "dulcis et suavis vox"... Sabe também que só Deus é e se pode dizer "fidutia mea"... Porém, por uma única vez igualmente, o diz Pai... e, mesmo assim, sem esquecer que, antes de mais, é Senhor - "Dominus et Pater"¹³⁶. Um pouco em haras humanísticas - por algo a passagem em que se insere essa invocação está copiada de Petrarca... - dirige-se, uma única vez também, ao "largitor optimus"¹³⁷.

De qualquer modo, o que parece resultar desta rápida análise, é a imensa solidão do pecador diante de Deus... Como poderá ir - e manter-se - "ad praesentiam immensa majestatis" de Deus? Está sozinho diante do

¹³⁵ *Les Pseumes Latins...*, ed. cit., *Grat. Act.*, 72

¹³⁶ *Les Pseumes Latins...*, ed. cit., VI, 54

¹³⁷ *Les Pseumes Latins...*, ed. cit., III, 17

"trihonum magestatis tuae" - uma expressão também apenas utilizada uma vez, mas que, como autoriza a expressão anteriormente citada, podemos utilizar sem receio para traduzir essa relação de solidão perante o juiz e senhor... Não recorre a mediadores... Com efeito, Cristo, apesar de tantas passagens e imagens do *Novo Testamento* estarem, completa ou resumidamente, tomadas à letra, não é, explicitamente, nomeado nos *Psalmi Confessionales* propriamente ditos senão uma única vez. No fim do "salmo" VII : "ut in te noviter indutus atque novus homo factus, novo spiritu in novitate vitae serviam tibi et in fragrantia unguentorum tuorum ad te currens gaudeam in Jesu Salvatore meo"... E, depois, igualmente no fim da *Gratiarum Actio*...: "ardenter extendens meipsum, te commitante et protegente, ad destinatum perseguar, ad bravium supernae vocationis Dei in Christo Jesu Domino nostro qui tecum vivit et regnat in unitate Spiritus Sancti Deus per infinita saeculorum saecula. Amen". Há, no entanto, mais dois lugares em que Cristo vem perifrásticamente referido no "salmos". Efectivamente, quem "poterit sanara infirmitatem meam" é "qui propter homines et propter humanam salutem descendit de coelis"¹³⁸, quer dizer, Cristo, evidentemente. Também é Cristo "qui non venit vocare justos, sed peccatores"¹³⁹. Haverá, seguramente, de concordar-se que, para uma obra de preparação para a confissão, não são abundantes referências... De todos os modos, para tentar explicar a escassez de referências a Cristo por quem são perdoados os pecados, não interessará, desde o ponto de vista em que nos colocamos, lembrar que aqui, tal como nas agostinianas *Enarrationes in Psalmos* em que todo o comentário está disposto a mostrar como tudo no poeta hebraico converge para Cristo, os exemplos citados pressupõem o cristocentrismo determinante de todo texto dos *Psalmi Confessionales*... O que nos poderia preocupar é essa escassez com que explicitamente Cristo atravessa as páginas dos *Psalmi Confessionales*..., isto é, de uma obra resultante de uma preparação para a confissão... Evidentemente, se em qualquer confissão cristã o perdão é sempre concedido pelos méritos de Cristo e aos seus méritos atribuídos, em alguém que, em França e Inglaterra nos fins do século XVI, se manteve fiel à religião romana "em que foy criado em Portugal, sem dar nunca algum pequenino sinal do contrario"¹⁴⁰, a

¹³⁸ *Les pseumes Latins*..., ed. cit., IV, 28

¹³⁹ *Les Pseumes Latins*..., ed. cit., VI, 53

¹⁴⁰ D. João de CASTRO, *Tratado dos Portugueses de Veneza*..., Ms. cit., fol. 288v. Independentemente de ser esta a opinião de D. João de Castro, este antigo conselheiro do príncipe poderá revelar-se aqui um eco positivo das afirmações de fé que o próprio D. António fez a XIsto V em carta de Londres (25. 1. ? 27. 7. ?) de 1586, aquando dos rumores postos a circular por Castela sobre a sua conversão à Reforma. (Conf. P. José de CASTRO, *O Prior do Crato*..., ed. cit., 367; P. DURAND-LAPIE, *Dom Antoine*..., ed. cit., 77-79 onde transcreve a carta ou as cartas referidas.

confissão sacramental – e a preparação e exame de consciência que a antecedem – pressupõe-no e, de forma explícita e visível, sublinha-o. Deste modo, independentemente de qualquer interpretação exegética, Cristo está igualmente omnipresente nos *Psalmi Confessionales*. No entanto, por referência a tantos textos penitenciais da mesma época – recordemos novamente, a título de meros exemplos, a *Confesión de un pecador delante de Jesucristo Redentor y Juez de los Hombres* de Constantino Ponce de la Fuente ou a *Oração do Salmo "de profundis"* de Fr. Tomé de Jesus –, há, mais do que um "esquecimento" de Cristo, o "esquecimento" de um certo Cristo..., entendamos, não há esse cristocentrismo que, a propósito da preparação para a confissão sacramental e do perdão decorrente da absolvição, enformava, quando mais não fosse, devotamente..., piedosamente..., esses textos. Talvez, por isso, o tradutor português, Fr. Jorge de Carvalho, sentiu em 1653 a necessidade de introduzir no texto expressões que, ao lado de outras com que quis sublinhar o amor de Deus – "amante Deus"..., "piedoso Deus"..., "Deus amante"... – manifestassem esse cristocentrismo piedoso: "meu Jesus"..., "amante Jesus"..., "meu chagado Jesus"... Havemos, porém, de notar que nos *Psalmi Confessionales* tal "esquecimento" derivará ainda, como, a propósito de tantos outros aspectos, temos sugerido, das regras do próprio género, já que nos salmos bíblicos também o poeta-rei penitente, enfrentando sozinho a ira de Deus pelo seu pecado, expõe constantemente a sua imensa solidão e abandono..., como um motivo mais para a misericórdia de Deus para consigo. A *Confesión de un pecador delante de Jesucristo Redentor y Juez de los Hombres* é um título tão excepcional como o seu profundo cristocentrismo foi polémico... Recordamo-nos, então, que os *Psalmi Poenitentiales* de Petrarca – bom conhecedor dos comentários exegéticos de Santo Agostinho sobre os salmos¹⁴¹ – que ao autor português forneceram texto e lhe poderão ter servido de modelo "calam" igualmente quaisquer referências explícitas a Cristo....

VI – Esperemos que, neste momento, tenhamos logrado tornar um pouco mais compreensível por que não haverá inconveniente em repetir quanto os *Psalmi Confessionales* são uma obra "excepcional" na história da espiritualidade portuguesa – e da cultura portuguesa no exílio – dos fins do século XVI. Uma excepcionalidade feita de várias outras... Com efeito, trata-se de um solilóquio penitencial..., isto é, de uma das formas da meditação penitencial, um género que o século XVI europeu cultivou, especialmente durante a sua segunda metade, mas que em Portugal, por

¹⁴¹ Pietro P. Gerosa, *Umanesimo Cristiano del Petrarca...*, ed. cit., 316 337

essas datas, apesar de aqui ter corrido algum modelo savonarolaniano, não parece ter arreigado, a não ser em algumas páginas de Fr. Tomé de Jesus... Será, então, violento sugerir, com o apoio da análise a que procedemos, que os *Psalmi Confessionales* serão, pelo menos por agora, o mais logrado texto desse género? Depois, e não será uma marca menor dessa excepcionalidade, escritos nesse latim ritmado que facilitava a cadência de súplica que percorre essa preparação para confissão composta para um príncipe que, por sua vez, os copiou, senão pela sua mão, no seu coração... E - continuemos com as excepções - "escritos"- havemos de retê-lo -, nos últimos tempos de sua vida, por um príncipe que, de algum modo, foi - desejado ou indesejado - rei de Portugal e que, com tal título, viveu desterrado..., perseguido..., pobre... - em momento algum, a sua casa terá sido, do ponto de vista de serviço de mesa, uma "corte real" como fora a do seu "Condestabre"¹⁴² - dependente..., e em constante empenho - e, por vezes, guerra - pela recuperação de um trono que o tornaria independente... Todas estas circunstâncias - género..., língua..., "autor"... - fazem dos *Psalmi Confessionales* um documento singular... que, apesar de tudo - e neste "tudo" inclua-se também a sua grande difusão editorial a que não serão alheias algumas dessas excepcionalidades -, não tem recebido senão uma atenção marginal...

É uma obra de um príncipe - mesmo que, verdadeiramente, não seja ele o seu autor - que se expõe a si mesmo antes de se confessar a Deus e que, naturalmente, ao expor-se, tantas vezes hiperbolicamente, logo distorcidamente, diante de si como pensa que Deus o vê e julga, patenteia, sob um jogo de luz sombria, a sua imensa fragilidade... Não falemos, como seria bem fácil, de maneirismos... - mesmo espiritual -, mas recordemos que esta perspectiva, se não fez, contribuiu para que este "caso raro" se transformasse em *exemplum*..., um *exemplum* em que qualquer cristão pode meditar... Não é apenas a morte que a todos iguala, mas também o pecado... E todos podem, chorando os seus pecados, como esse príncipe, converter-se e, confessando-os, como ele, esperar essa *laudabilis mors*... Não foi este o sentido que retiveram e exploraram os que difundiram os *Psalmi* como uma - mais uma - dessas *ars bene confessandi* e *ars bene moriendi* que deram um *tonus* - gostaríamos de poder dizer um sentido -, por vezes, patético, a esse século XVII que, por comodidade referencial, tanto se gosta de continuar a dizer barroco?... Em Portugal - e é só de um Portugal restaurado

¹⁴² Pedro de FRIAS, *Crónica del - Rei D. António...*, ed. cit., 23; J. Veríssimo Serrão, *O Reinado de D. António...*, ed. cit., 261- 262 situa, com mais alguns documentos, esta informação do cronista. Refira-se, incidentalmente, o interesse das notícias e perspectivas (muitas confirmando Fr. Pedro de Frias) que sobre o "Condestabre" D. Francisco de Portugal vêm em *Anedotas Portuguesas e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista. Istorias e Ditos Galantes que sucederão e se disserão no Paço*. Leitura do Texto, Introd. e Notas por Christopher L. Lund, Coimbra, 1980,78-82.

que temos notícias exactas - foi apenas assim conhecido... e, rapidamente, a insistência nesse sentido levou a esquecer, entre nós, o nome do seu "autor"... Os *Psalmi Confessionales* transformaram-se num livro devoto... que, conseqüentemente, convida o leitor a explorar os caminhos do conhecimento próprio..., esse conhecimento em que, como ensinava esse *Recogimiento* que se revia num Santo Agostinho filtrado pela *Devotio Moderna*, tem que assentar a união com Deus... Em algum exemplar de uma edição francesa (Paris, A. Soubron, 1680) pode mesmo verificar-se a distribuição manuscrita que o seu possuidor fez dos "salmos" como texto de meditação para cada dia da semana¹⁴³...

Por outro lado, desde uma vertente mais literária, ao nível da construção do texto as principais fontes que assinalámos - *Sagrada Escritura*, com especial e natural relevo para o *Livro dos Salmos*..., *Confissões* de Santo Agostinho..., *Psalmi Poenitentiales* de F. Petrarca... - marcam bem que o seu autor se quis situar, ao seleccioná-las, na tradição de um género de que, com mais ou menos precisão, igualmente relevavam - a meditação penitencial... Terão, porém, sido esses *Psalmi Poenitentiales* que lhe forneceram a sua inspiração mais imediata..., o seu ponto de partida e, quase conseqüentemente, como nos atrevemos a lembrar, as sugestões da técnica para a utilização dessas fontes. De qualquer modo, o aproveitamento dessa *operetta* petrarquiana parece sugerir uma certa difusão sua nos caminhos da espiritualidade portuguesa dos fins do século XVI, talvez mesmo pelos anos em que um Fr. Heitor Pinto utilizava tantos textos do autor do *Secretum na Imagem da Vida Cristã*... Isto supondo, como cremos poderá aceitar-se, que o seu autor, Fr. Diogo Carlos, Doutor teólogo, não teve que esperar o desterro para conhecer tais obras...

Mas, aqui, ainda a este nível da sua construção (fontes e técnicas), caberá fazer notar quanto os *Psalmi Confessionales* apareceriam como um texto em que todos ou, pelo menos, muitos dos seus leitores reconheciam - e se reconheciam - a matriz bíblica - salmódica, antes de mais - sobre a qual, directa ou indirectamente, estava construído. E nem necessário seria dizer quanto esse duplo reconhecimento - literário e interior - dava, por sua vez,

¹⁴³ O exemplar, hoje na biblioteca do Ex.mo Senhor Luis F. Ferreira da Silva (Lisboa), pertenceu à Livraria de José Maria Nepomuceno, conforme a marca de posse e nº de catalogação que ostenta (Conf. Luis Trindade, *Catalogo da Livraria do falecido distinto Bibliographo e Bibliophilo José Maria Nepomuceno*, Lisboa, 1897, nº 149), tal como conserva ainda a marca de posse ms. de um anterior possuidor - "Do Conde do Lavradio" - que o seu actual possuidor crê identificável com D. Francisco de Almeida Portugal (1797 - 1870), embaixador em Madrid, Paris, Londres, Estados Unidos, Ministro dos Negócios Estrangeiros..., etc.. Inocêncio F. da SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*..., I, ed. cit., 83-84 regista algumas obras suas e alguma colaboração em "periódicos religiosos de Lisboa" que poderão, de algum modo, creditar a hipótese de lhe ter pertencido esse exemplar de *Les Pseumes de D. Antoine*...

coesão a essa união mais íntima com Deus nesse momento particular - a confissão - que os "salmos" devotamente se propunham.

Independentemente, porém, de ser um texto largamente construído sobre outros textos - poderá mesmo, alguma vez, assaltar o seu leitor a tentação de o julgar ou querer integralmente construído -, como exigia, até certo ponto, a arte do seu género, e, por isso, artificial, os *Psalmi Confessionales* acabaram por ser - ou por poder ser - um documento "coerente" da história interior - de toda a história - do seu "autor"... E, se pudermos aceitar, sem prejuízos, essa pista que desde sempre foi sugerida aos seus leitores, também um documento comovente... E já não é pouco... De qualquer modo, foi esta a imagem que os seus testamenteiros pretenderam que perdurasse depois da sua morte... Há quatrocentos anos.

José Adriano de Freitas Carvalho

Summary: *The Psalmi Confessionalis is a significant exemplar both of a genre with a scarce presence in the Portuguese culture of the second half of the 17th century and of the Portuguese literature in exile in the early period of the Iberian Union. In spite of this significance, this work has never been the object of a study centered on the issue of its authorship, on the reasons for its sources (the Holy Scripture, St Augustine, Petrarch), and on the display of the work of textual construction performed by its true author - Fr. Diogo Carlos, OFM. This study is an attempt at approaching this set of issues and trying to locate the work within the spiritual biography of D. António, who is known to have read it during the latter part of his life.*

APÊNDICE

Edições de *Psalmi Confessionales*
Séculos XVI - XVIII

Oferecemos aqui uma lista provisória de algumas edições da meditação penitencial preparatória para a confissão. Uma lista provisória e de que não controlámos a fiabilidade, já que foi estabelecida através de repertórios bibliográficos. Geralmente tidos por fiáveis, mas, como é quase uma lei em trabalhos *de re bibliographica*, nem sempre completos. Nestas circunstâncias, pretender propôr uma organização desta lista baseada em critérios de língua de edição (latim..., francês..., italiano..., castelhano..., português..., inglês...) seria, em termos de algum rigor, impossível, já que em muitos casos o registo é omissivo ou confuso também sobre esse ponto. Por isso, pareceu preferível uma simples ordenação cronológica. Apesar de incompleta e, seguramente, com alguns erros editoriais (nomes de impressores..., datas e lugares de impressão...) atrevemo-nos a pensar poderá, mesmo com tais vícios, transmitir uma ideia globalmente aproximada da sua recepção e da distribuição geográfica do seu acolhimento. Assinalaremos, obviamente, as nossas fontes, apresentando, sempre que possível, uma localização do exemplar listado.

- 1595 ? - *Psalmi Confessionales in quibus peccator longaeuus divinam pro peccatis suis misericordiam implorat. Inventi sunt scrinio serenissimi Regis Portugalliae D. Antonii hujus nominis primi, propria manu scripti et ab ipso Rege fuisse compositos laudabilis ejus mors testatur.* Paris, F. Borellum, 1592 [1595?]
B.M., I, 192; Inocêncio, I, 78
- 1604 - *Sette salmi e Lacrime Confessionali del Signor D. Antonio de Reali di Portogallo e la' G. Priore della Religione Gerosolimitana. Tradotta di Latino in Volgare.* Firenze, Apresso i Marescotti, MDCIII. [trad. F. Valori]
Araújo, n° 45, 191-192; Faria, n° 559, 92-93
- 1609 - *Psalmi Confessionales, inventi in scrinio Sereniss. Reg. Portugaliae D. Antonii hujus nom. primi, propria manu scripti.* Lutetiae, Apud J. Regnoud, 1609
C.P., III, 555
B.N. Paris [D. 17303]
- 1609 - [*Les Pseaumes*], Paris, J. Regnoud, 1609. [trad. P. Du Ryer]
B.M., I, 193

- 1616 - *Psalmi Confessionales...*, Lutetiae, Apud C. Morellum, 1616
C. P., III, 555
B. N. Paris [D. 23 553]
- 1634 - [*Psalmi Confessionales ? Les Pseaumes...?*], [Paris?], Bertrand Martin, 1634
B. M., I, 193
C.B.I. V, 284
B.N. Nápoles
- 1635 - *Psalterio en que un gran Principe Lusitano descubrio soberanias de Espirit.*, Bruxelas, Lucas de Meerbeque, 1635.
[trad. J. Caramuel]
B. M., I, 193
- 1645 - [*Psalmi Confessionales?*]
Sousa, III, 383¹⁴⁴
- 1646 - *Antoyne, roy de Portugal: ses Pseaumes, où le Pecheur confesse ses fautes et implore la grace de Dieu. Suivant la copie imprimée à Paris.* (Hollanda, por 1646)
Inocência, VIII, 73¹⁴⁵
- 1646 - *Psalmi Confessionales inventi in scrinio... Antonii nominis primi et XVIII Portugalliae Reg. propria manu scripti . Editio Nova, aucta et recognita. - Deprecatio ad Deum.* 1645. in Pierre Pithou, *Spicilegium ex Sacra Missa*, Lutetiae, S. Piget, 1646
B. L., 5, 1163; 190, 675
B. L. [3455. a. 49]
- 1653 - *Soliloquios em que um pecador arrependido fala com Deos; disloquios para bem se confessar e industrias para bem morrer. Acharanse em hum Escritorio do Senhor Dom Antonio, Principe Português, escritos de sua propria letra, na lingoa Latina, com tradição, que era obra de seu grande juizo, e confissões feitas pelo seu arrependimento: agora traduzidos e pouco acrescentados, para melhor cadencia, da lingoa Portuguesa.* Lisboa, Por Paulo Craesbeeck, 1653. [trad. Fr. Jorge de Carvalho, O. S. B]
B. M. , I, 193; II, 801; Inocência, I, 78; Santos, nº 72, 13
B. N. Lisboa [Res. 1108 P]

¹⁴⁴ D. António Caetano de SOUSA, *Historia Genealogica da Casa Real...*, ed. cit., III, 382 - 383 informa que o exemplar que viu pertencia à nona edição, o que parece aproximar da realidade a lista que oferecemos; porém, só sabia da existência da tradução de A. J. Mège. O. S. B. (Toulouse, 1671) através da *Bibliotheca Benedictorum Mauriana*.

¹⁴⁵ Limitamo-nos a dar a informação tal como a traz Inocência F. da Silva, pois não a encontramos em qualquer outra fonte.

- B.P.Porto.
- 1657 - *Les Pseaumes de D. Antoine, roy de Portugal où le pêcheur confesse ses fautes et implore la grace de Dieu. De la traduction du P. Du ryer.* Paris, Chez A. de Sommaville, MDC LVII.
 B. L., 5, 1163
 B. N. Lisboa [Res. 305 P]
 B.L.L. [1361. a. 59]
- 1659 - *The Royal Penitent: or the Psalms od Don Antonio... Transleted into English by Francis Chamberleyn.* London, R. Daniel for Iohn Dakins, 1659
 B. L., 5, 1163
 B. L. L. [1361. a. 62]
- 1659 - *Royal Psalms, or Soliloquios of D. Anthony, King of Portingall... Transleted into French by P. Durier, into English by Baldwin S.t George.* London, For Humphrey Moseley, 1659
 B. L., 5, 1163
 B. L. L. [E.2121(1)]
 B. M., I, 193¹⁴⁶
- 1663 - *Soliloquios em que hum Peccador Arrependido fala com Deos. Disposições para bem se confessar e industrias para bem morrer.* Lisboa, Domingos Carneiro, 1663
 B. G. U. Coimbra [3 - (6) - 17 - 2]
- 1666 - *Les Psaumes de D. Antoine roy de Portugal, où le pecheur confesse ses fautes et implore la gloire de Dieu.* Paris, Chez Gabriel Quinel [Quinet?], 1666. [trad. P. Du Ryer]
 Palha, nº 84, 31
- 1667 - *Les Pseaumes de D. Antoine, Roy de Portugal....*, Paris, G. Quinet, 1667
 C. P., III, 555
 B. N. Paris [D 17304]
- 1671 - *Le Pseautier royal, ou les pseaumes de la confession. Composez par Dom Antoine, Roy de Portugal.* Toulouse, Chez Estiene Trevenay, MDCLXXI [trad. Dom Joseph Mege, O. S. B.]
 Faria, nº 18, 7- 8
 C.B. I., V, 284
 B.N. Milão

¹⁴⁶ - A colocação aqui da imprecisa referência de D. Barbosa Machado a uma tradução em inglês dos *Psalmi Confessionales* é, como se compreenderá, puramente arbitrária, pois não parece ser possível saber a qual das duas edições do mesmo ano por diferentes impressores se referia o autor da *Biblioteca Lusitana*.

- 1674 - *VII Psalmi Confessionales seu Poenitentiales D. Antonii [Prior of Crato, Calleig himself King of Portugal] in Franciscus Diericx, Fides Traditio sacrarum reliquiarum XXXVI. eminentium sanctorum quae ... exponuntur in ecclesia S. Salvatoris Antuerpiae: demonstrata... cui accedunt...*, Antuerpiae, Typis Marcelli Parys, 1674
B. L., 52, 639
B. L. L. [4685. aa. 1(1)]
- 1677 - *Soliloquios em que hum Peccador arrependido, falla com Deos; dispoziçoens para bem se confessar; e industrias para bem morrer.* Coimbra, Officina de Ioseph Ferreira, 1677 [trad. de Fr. Jorge de Carvalho, O. S. B.. Portada Própria] in Cristovão da Veiga, *Casos Raros da Confissam, Com regras, e modo facil pera fazer hua boa Confissão geral, ou particular. E huas advertencias pera se ter perfeita contrição: e pera se dispor bem em o artigo da morte.* Compostos em Castelhana pello ... traduzidos em portuguez pello P. Balthazar Guedes. Coimbra, Officina de Ioseph Ferreira, 1677.
P. M., 316
B. N. Lisboa [R. 25357 P]
- 1680 - *Les Pseumes de D. Antoine Roy de Portugal où le pecheur confesse ses fautes et implore la grace de Dieu.* Paris, Gabriel Quinet, 1680 [trad. P. Du Ryer]
Ávila Pérez, nº 228, 28; Xavier Coutinho, nº 2839, 372.
- 1680 - *Les Pseumes de D. Antoine Roy de Portugal où le pecheur confesse ses fautes et implore la grace de Dieu. De la traduction du P. Du-Ryer.* Paris, A. Soubron, 1680.
Nepomucemo, n149,17
C. B. I., V, 284
B. N. Florença
B. P. Lisboa.
- 1683 - *Soliloquios em que hum Peccador arrependido, falla com Deos; dispoziçoens pera bem se confessar; e industrias para bem morrer.* [trad. de Fr. Jorge Carvalho; com portada própria?; Com pag. própria¹⁴⁷] in Cristovão da Veiga, *Casos Raros da Confissam, Com regras , e modo facil pera fazer hua boa Confissão geral, ou particular. E huas advertencias pera ter*

¹⁴⁷ O exemplar da Biblioteca Pública de Braga, o único de esta edição que pudemos localizar, está incompleto, razão por que não sabemos se os *Solilóquios* possuíam, como a edição anterior, portada própria.

- perfeita contrição: e pera se dispor bem em o artigo da morte. Compostos em Castelhana pello... traduzidos em Portuguez pello P. Balthazar Guedes. Coimbra, Oficina de Ioseph Ferreira, 1683*
 Inocência, I, 78; P. M., 316
 B. P. Braga[R. 4492 A]
- 1688 - *Psalmi Confessionales, inventi in scrinio serenissimi regis Portugalliae D. Antonii... editi studio et cura R. P. Fr. Caroli Antonii Tacchini de Ameno..., Mediolani, Haer. de Ghisulphis, 1688*
 C. B. Í., V, 284
 B. N. Milão
- 1693 - *Les Pseaumes de Dom Antoine, roi de Portugal, ou les Gemissements d'un coeur contrit et humilié dans la vue de ses fautes... traduction nouvelle ... avec le latin. Paris, Veuve Pepignonné et J Le Febvre, 1693 [trad. A. Audry]*
 C. P., III, 555
 B. N. Paris [17 305]
- 1698 - *Réflexions chrétiennes sur les pseaumes pénitentioux, trouvez dans la cassette d'Antoine Premier, roi de Portugal après sa mort. Avignon, Chez Michel Chastel, 1698*
 Faria, nº485, 82
- 1700 - *The Royal Penitent, or the Psalmes of Don Antonio, King od Portugal.... Gant, 1700*
 C. P., III, 556
 B. N. Paris [D 30 187]
- 1701 - *Les Pseaumes d' Antoine, Roy de Portugal où l'on découvre les sentiments d'un véritable pénitent qui desire de retourner à Dieu. Traduction nouvelle, Dedieé au Roy. A Paris, Chez Denis Mariette, MDCCI*
 B. N. Lisboa [L 4836 P]
- 1710 - *Soliloquios em que hum Peccador arrependido, falla com Deos. Disposições pera bem se confessar e industrias pera bem morrer. [trad. Fr. Jorge de Carvalho, O. S. B.; sem portada e sem pag. próprias] in Cristovão de Veiga, Casos Raros da Confissam. Com regras, e modo facil para fazer hua boa Confissão geral, ou particular. E huas advertencias para ter perfeita conrição, e para se dispor bem em o artigo da morte. Compostos em Castelhanopello... e novamente tradusidos... Lisboa, Officina de Filippe de Sousa Villela, 1710*
 P. M., 316

- 1718 B. P. Braga [R.4636 A]
 - *Les Pseaumes de la Confession du Serenissime prince Don Antoine, roi de Portugal... avec des prières du même roi sur différents sujets, le tout traduit en françois... avec le latin à coté.* Paris, J.- B. Lamesle, 1718 [trad. Abbé de Bellegarde]
 C. P., III, 555
 B. N. Paris [D 17 306]
- 1731 - *Les Pseaumes latins de Dom Antoine, roy de Portugal, avec la traduction en françois.* Strasbourg, J.-F. Le Roux, 1731
 C. P., III, 555
 B.N.Lisboa [R 4837 P]
 B. N. Paris [D 23 555]
- 1741 - *Les Pseaumes de Dom Antoine, roi de Portugal, ou les Gemissements d'un coeur contrit et humilié dans la vue de ses fautes. Traduction nouvelle avec le latin.* Bruxelles, Chez Eugene Frick, 1741
 Palha, nº 85, 31
- 1759 - *Soliloquios em que hum Pecador Arrependido falla com Deos. Disposiçoens para bem se confessar e industrias para bem morrer*[tradução de Fr. Jorge de Carvalho, O. S. B.; sem portada e sem paginação própria] in *Casos Raros de confissão com regras, e modo facil de fazer huma boa confissão geral,ou paricular. Com humas Advertencias para ter perfeita contição, e para bem se dispor bem em o artigo da morte. Composto pelo Padre Christovão da Veiga, dedicado à Immaculada Conceiçam de Maria SS. por Manuel Antonio Monteiro de Campos, Lisboa, Officina de Manuel Antonio, MDCCLIX.*
 B. N. L., [R. 18906 P]
- ? - ["De latim em verso Portuguez por D. Isidoro da Cruz"], Praga, apud Gregorium Schiparz, [?].
 B. M., I, 193

Siglas de Fontes Bibliográficas e Bibliotecas:

- Araújo = Joaquim ARAUJO, *Bibliographia Historica - I- Dom Antonio, Prior do Crato. Edição Refundida*, Livourne, 1899
 Ávila Pérez = Arnaldo H. de OLIVEIRA, *Catálogo da Riquissima Biblioteca de Victor M. d'Ávila Pérez*, Lisboa, 1939.

- B. L. = British Museum. *General Catalogue of Printed Books*, London, 1965, 5; 52; 190.
- B. L. L. = British Library. London
- B. M. = Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, Occidental, I, 1741; II, 1747 (aliás, Coimbra, 1965)
- B. N. Florença = Biblioteca Nazionale. Florença
- B. N. Lisboa = Biblioteca Nacional. Lisboa
- B. P. Braga = Biblioteca Pública. Braga
- B. N. de Milão = Biblioteca Nazionale. Milão
- B. N. Nápoles = Biblioteca Nazionale. Nápoles
- B. N. Paris = Bibliothèque Nationale. Paris
- B. P. Lisboa = Biblioteca Particular. Lisboa
- B. P. Porto. = Biblioteca Particular. Porto
- B. G.U. Coimbra = Biblioteca Geral da Universidade. Coimbra
- C.B.I. = *Primo Catalogo Collettivo delle Biblioteche Italiane*, V, Roma, 1967
- C.P. = *Catalogue Général des Imprimés de la Bibliothèque Nationale. Auteurs.*, III, Paris, 1899
- Faria = A. FARIA, *D. Antonio I, Prior do Crato, XVIIIº rei de Portugal (1534 - 1595) e seus descendentes. Bibliographia*, Leorne, 1910
- Inocêncio = Inocêncio Francisco da SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, I, Lisboa, 1858; VIII, Lisboa, 1867
- Nepomuceno = Luis TRINDADE, *Catalogo da Livraria do Falecido Distinto Bibliographo e Bibliophilo José Maria Nepomuceno*, Lisboa, 1897
- Palha = *Catalogue de la Bibliothèque de M. Fernando Palha*, Lisbonne, 1896
- P.M. = Ricardo Pinto de MATOS, *Manual Bibliographico Portuguez de Livros Raros, Classicos e Curiosos*, Porto, 1876
- Santos = José dos SANTOS, *Catálogo de uma bela e valiosa Colecção de livros verdadeiramente notáveis dos séculos XVI a XX*, Lisboa, 1938
- Sousa = D. António Caetano de SOUSA, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, III, Lisboa, 1738
- Xavier Coutinho = Bernardo Xavier C. COUTINHO, *Bibliographie Franco-Portugaise*, Porto, 1939

